

Revista



SALA DE
FOTOGRAFIA

nº 4 - junho/2018



Manifesto

Somos inundados por informações a cada segundo. Vivemos em um novo regime 24/7. Conectados o tempo todo, a todo instante recebemos novas informações. Desde as relevantes, passando por aquelas que nos interessam profissionalmente, até as mais variadas notícias. Se olharmos o celular de madrugada só pra ver que horas são, já vamos ser bombardeados por itens que piscam na tela e urgem por atenção. Urgência, sim, tudo é para ontem, tudo é imediato, e nada é desculpa para atraso, já que as novas tecnologias permitem esse imediatismo. Nessa banalização da urgência, como distinguir o essencial do supérfluo? Porque o fruto dessa corrida é mais do que óbvio: a ansiedade, que promete ser o novo mal do século.

O que preocupa é que não nos cabe mais só estar atualizados profissionalmente. Também é necessário estar super bem informados sobre o que ocorre no mundo - afinal, informação sempre foi poder. Ainda, tem milhões de livros, séries, filmes que você-precisa-ver. Somos bombardeados por dicas, sugestões, obrigações. Tem que ver porque todo mundo viu, precisa estar ligado pra poder comentar depois, discutir racionalmente. É muito conteúdo e a gente costuma ficar perdido. No Spotify há 30 milhões de músicas, como escolher? Como ter tempo pra ver e fazer tudo isso?

E então se percebe que a curadoria é cada vez mais importante. Selecionar o que importa para você. Parar para refletir. Entender o que cabe em cada hora da vida. E a Revista Sala de Fotografia tem uma certa pretensão de ser referência em conteúdo que pode interessar a quem se interessa por fotografia. Chegamos à nossa quarta edição, e nestes dois anos, já falamos muito sobre a reflexão teórica e filosófica deste mundo das imagens. Mas também gostamos de ir além, pensando sobre arte, exposições, filmes, livros na contemporaneidade. O que serve para inspirar passa e cabe nestas páginas.

E essa curadoria de conteúdo não é muito diferente daquela que fazemos em exposições fotográficas. O curador cria um fio condutor

para unir a exposição em torno de uma ideia, que conduz o espectador a entender como as obras conversam entre si e tem um propósito de estarem ali, mas sem necessariamente impôr um caminho único.

Conforme o mundo fica mais complexo, cada vez mais há a necessidade de um curador. O próprio algoritmo da Netflix é um deles, ao tentar adivinhar o que você pode gostar de assistir, baseado nas suas escolhas prévias. É uma matemática maquiavélica, que pode nos manter presos à nossa própria bolha de realidade, nos apresentando sempre o que já conhecemos, sem nos abrir ao novo. Mas que, nesse mundo de excesso de informação, acaba por vezes, de fato, nos ajudando. Não dá pra tentar decidir o que ver no serviço de streaming com base na ordem alfabética, pois o tempo que se perderia seria imenso.

Sendo assim, nesse mundo de excesso de informação, como fica a nossa memória? Fragmentada, fluída, efêmera. O processo físico e digital se mistura, sem um arquivamento. Um dos propósitos desta revista é servir, justamente, de arquivo: guardamos nestas páginas o que está sendo discutido sobre fotografia no Brasil neste momento. Temos certeza de que esse conteúdo já tem uma importância histórica nestes dois anos de existência. E pode valer muito, se não até mais, daqui a décadas.

Quanto à nossa memória da fotografia, muito nos preocupa. Afinal, pouco se guarda oficialmente. E aqui cabe pensar o que estamos fazendo ao transformar a fotografia apenas em bytes de computador. Como no futuro poderemos olhar para as imagens do passado? Onde estarão as primeiras fotografias de nossos filhos? Nos stories do Instagram? Na memória do Iphone? Para onde irão, para as nuvens? É sim papel da fotografia, tal como dos museus, a preservação da memória e da nossa identidade coletiva como povo. As imagens têm o poder de trazer de volta o passado para os olhos das futuras gerações. Nada mais justo que lembrar, então, que mais que pixels, a fotografia é um objeto tátil de poder, que desperta lembranças e emoções.

Liliane e Sabrina

Revista

SALA DE
FOTOGRAFIA
nº 4 - junho/2018

Expediente - quem faz

Diretora Geral: Liliane Giordano
Fotógrafa e mestre em educação

Editora-chefe: Sabrina Didoné
Jornalista (MTB 0018277/RS)

Textos, fotos e diagramação:
Liliane Giordano
Sabrina Didoné

Conselho editorial:
Liliane Giordano
Sabrina Didoné
Thaynne Andrade

saladefotografia@gmail.com
(54) 3534.8994 | (54) 9.9981.9894
www.saladefotografia.com

| | |
|-----|---|
| 08 | Congresso de fotografia: Fotografar 2018 |
| 34 | Lugares: Instituto Moreira Salles Paulista |
| 38 | Festivais de fotografia: FestFoto POA 2018 |
| 60 | Processos artísticos: 11ª Bienal de Artes do Mercosul |
| 72 | Expedições fotográficas Sala de Fotografia |
| 78 | Exposição: Poética das Linhas |
| 88 | Exposição: Singular |
| 96 | Artista Berna Reale |
| 108 | Congressos de fotografia: Go Image on Stage 2018 |
| 110 | Liliane Giordano: Arte em roupa |

análise - congressos de fotografia

Fotografar 2018





Inspiração! Essa foi a palavra que ficou na nossa cabeça após participar da Feira e Congresso Fotografar 2018. Mergulhar no processo da fotografia, experienciar as possibilidades, questionar as motivações, buscar e estudar novas referências, aguçar a criatividade e cada vez mais instigar a curiosidade. Só assim o fotógrafo poderá expressar sua sensibilidade em verdadeiras memórias fotográficas, capazes de nos impregnar de sentidos imagéticos neste universo contemporâneo.

Aprendemos isso e muito mais na Feira e Congresso Fotografar 2018, o maior evento de imagem da América Latina, promovido pelo Grupo Fhox entre os dias 3 e 5 de abril no Shopping Frei Caneca, em São Paulo.

Confira os pontos mais importantes das palestras que assistimos nestes três dias de imersão fotográfica.

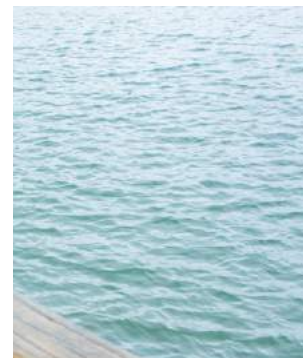


Foto de família no divã

Um dos pontos altos do Congresso Fotografar deste ano, sem dúvida, foi a palestra de Carol Pires e Simonetta Persichetti. Elas falaram na quarta, que tinha como tema geral a fotografia de família. Simonetta é professora e pesquisadora da fotografia, uma autoridade muito respeitada nacionalmente sobre o pensar da imagem na contemporaneidade. Carol Pires é jornalista e fotógrafa, desenvolvendo uma fotografia de família muito espontânea, baseada no cotidiano dos seus retratados. Juntas, elas fizeram do palco da Fotografar um verdadeiro “Divã” – título de sua palestra.

Carol iniciou sua fala exibindo um

vídeo emocionante, no qual sintetiza muito bem o que foi falado ao longo dessa palestra. No vídeo, ela narra que a foto é uma obra aberta, é só o ponto de partida. Afinal, a fotografia é uma máquina do tempo, e quanto mais o tempo passa, mais vemos outros detalhes, e nossas percepções e lembranças vão mudando. Ela diz ainda que “fotografar nossas famílias é deixar pistas para serem descobertas lá na frente. Descobertas por nossos filhos e por nós, pais. Esse tesouro nos lembra como eles eram, e como nós éramos com eles. Tesouro em forma de luz e cores.”

Simonetta explicou que a foto de família deve deixar um legado, que faça sentir por meio das imagens o

cheiro, a vida, a infância, para que quem olhar essas fotos no futuro, entenda um pouco do que somos. Afinal, nessa enxurrada de fotografias, estamos criando muitos personagens, mas deixando de ser persona. A foto de família, então, traz segurança, pois não se pode fingir o tempo todo algo que não se é. Nessas raízes encontradas nessas fotos aparentemente espontâneas, se busca um pouco mais dessa essência.

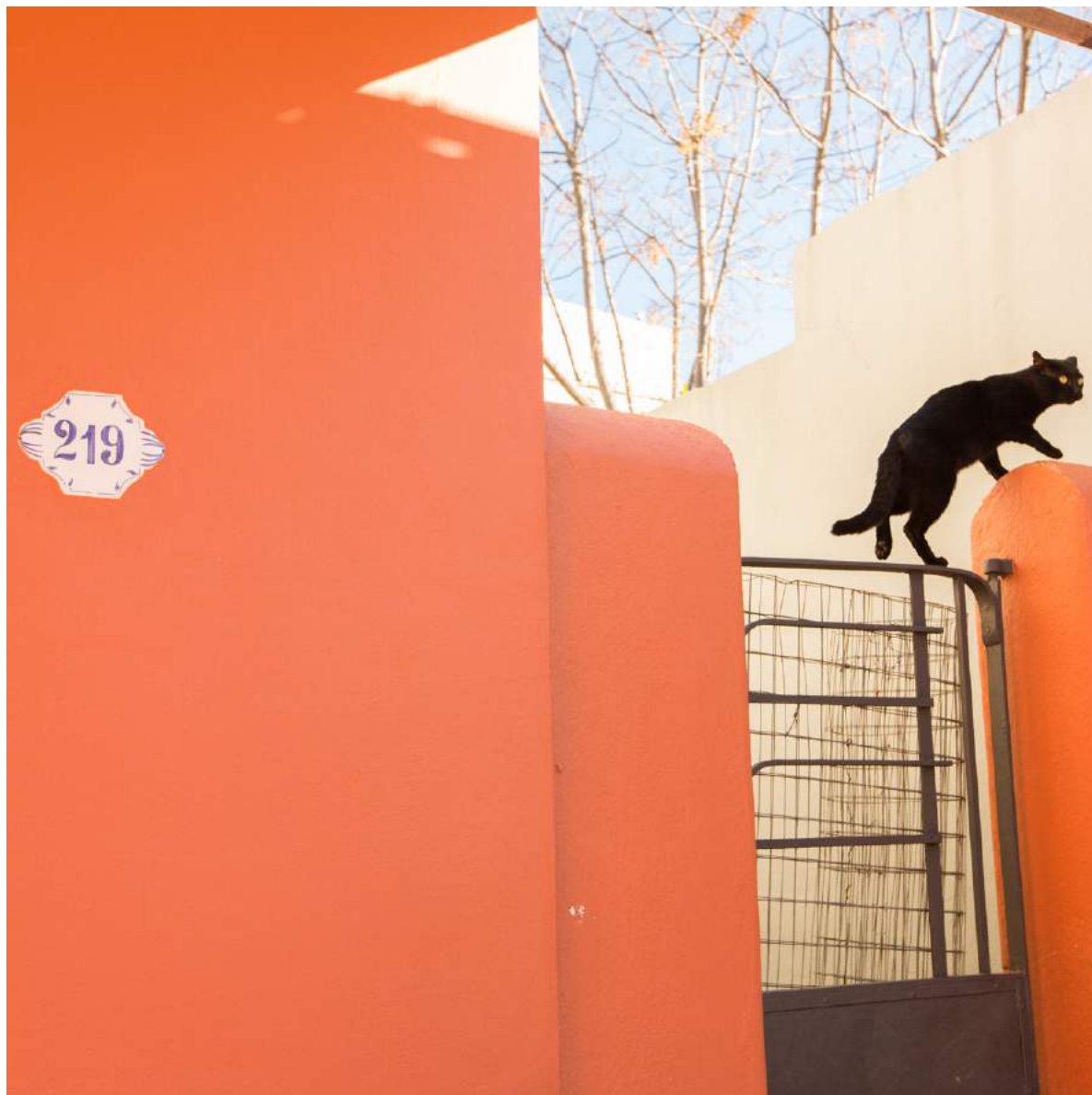
“No futuro, vamos ser reconhecidos não só como sociedade do selfie, mas também como a sociedade que procurou se reconstruir num mundo onde não tinha mais onde se apegar. Foto de família é essa forma de segurança e é por isso que, apesar de todas iguais, são tão diferentes.”
Simonetta Persichetti



Para a professora, a fotografia é uma forma de iniciar uma narrativa para outras histórias. Citando o autor Alberto Manguel, ela lembrou que nossa vida é construída como ecos de outras histórias.

“O interessante é que você enxergue na sua foto, sobretudo na sua foto, coisas que o fotógrafo nem sabe que ele fotografou. Ao ver a foto de sua vó vai te lembrar de outra coisa, e sua mãe vai ver outra coisa...às vezes essa memória é até inventada, mas se tem importância pra pessoa, é o que importa. Fotografia nunca é fim, sempre é um gatilho de outras histórias. Isso que é importante com foto de família, é uma construção afetiva, toda foto faz isso, mas também a de família, se aquilo te comove, é o que está valendo ali.” Simonetta Persichetti

E os fotógrafos são os profissionais que podem criar estas narrativas por meio de sua fotografia e de álbuns de família, ao mesmo tempo que criam esse conteúdo e significado a essas fotos de grupos domésticos. Para isso, de acordo com Simonetta, é preciso retratar esses instantes com sentimento, tentando ser genuíno.



“Se diz atualmente que nunca se fotografou tanto. Eu acho isso uma mentira, sempre se fotografou muito, guardadas as devidas proporções. Não me importa quem está fotografando, mas me importa que a gente não está enxergando. Esse é o problema, cada vez mais há uma superficialidade da análise da imagem. Quando a gente vê fotos de família tratadas com esse sentimento, a inspiração está na vida, e essa é a única forma da gente sair disso, é parar de ver o que os outros estão fazendo e copiar. Vamos tentar ser nós mesmos?” Simonetta Persichetti

Mas como ser você mesmo e ainda ser comercial, se mantendo no mercado de trabalho da fotografia? Frente às perguntas da plateia, Simonetta e Carol explicaram que tem que ser genuíno no olhar, e deixar o cliente entender o seu trabalho.

“Não tem que ir atrás de controle do que pessoa vai ver na sua foto. Vocês têm que fazer o que gostam. Não existe manual que diz isso vale, isso não vale. Essas são regras que o mercado inventa e cria pra salvar meia dúzia de pessoas que querem ditar o que não vale. Vale o que você está fazendo. ‘Ah mas preciso ganhar dinheiro’, também preciso, mas faça seu trabalho seriamente.” Simonetta Persichetti

O mediador da palestra, Mozart Mesquita, do grupo Fhox, deixou claro que a expectativa da organização do congresso é que os participantes possam tirar algumas referências do que foi visto no palco, para depois tomar as suas próprias decisões, mas não utilizando como regra. De fato, concordamos com ele. Afinal, congresso de fotografia não foi feito para copiar as fotos de alguém famoso, e replicar os mesmos ângulos no seu próprio estúdio depois. Serve pra repensar, inspirar, discutir, para depois juntar fragmentos e aí sim construir algo seu.

Carol também reforça que é preciso não se preocupar tanto com as modas.

“Nos congressos, você tem que ir por onde você se identifica mais. Não saber o que a pessoa vai achar é o melhor da foto de família, esse é o tesão da foto, como ela vai perceber agora, ou daqui a anos. Uma foto de família na mesa de um consultório médico, por exemplo, é status. O que você sente quando vê as coisas? Sua gestante vai enxergar na foto algo que você não tem controle. Quando se fala em mercado, nem sempre precisa fazer a moda, porque tem gente que quer comprar aquilo que você vende.”

Carol Pires

O mediador Mozart também explicou que as grandes marcas já perceberam que quando há muita opção, o cliente se perde e não consegue mais escolher. Para isso, se fotógrafo quer que cliente entenda seu trabalho, é preciso definir um foco e argumentar, explicar, impor um pouco disso. Neste ponto, também concordamos com Mozart. A questão é definir um processo. Se cliente afirma que outro fotógrafo cobra R\$ 100, você precisa explicar porque cobra R\$ 200. É necessário definir um produto e uma linha de atuação no seu trabalho, impor, descrever, elaborar projetos escritos, ter argumentos pra isso, defender a sua ideia.

Simonetta alerta ainda que a identidade é sempre a do fotógrafo, e não da pessoa



retratada. “A gente vive numa sociedade, não é de hoje, que gosta do que já conhece. Então identidade é sempre a do fotógrafo, a pessoa tem que procurar você porque você faz aquele tipo de foto. A identidade está no fotógrafo, e não na pessoa que você vai fotografar. Sempre tem um louco que vai aprovar o que você vai fazer. Não é a identidade da mulher que vai ser fotografada, porque vai saber como ela se vê, e como vão ver as fotos. É preciso ter a consciência que alguém vai querer essa minha foto e eu vou fazer. Claro que bom senso sempre vale, para se adequar às situações.”

Simonetta Persichetti

Para Carol, uma fotografia com menos adereços pode ser mais genuína, afinal, a impressão autoral do fotógrafo deve vir de seu olhar, e não dos elementos que coloca na fotografia.

“As pessoas querem se ver juntas na foto de família. Quem não quer ver foto dos pais juntos? O que pessoas querem é se enxergar ali. Mas como fazer isso? Depende do fotógrafo. E, no futuro, o que eles vão ver, é o era uma vez, é o que eles quiserem contar. Já em estúdio, é contar história com luz. Deixa a criança ser criança, com menos adereços.” Carol Pires

Simonetta explicou ainda que os jovens agora editam a sua própria história por meio das fotos. Afinal, para nós, alguém selecionou as fotos, montou um álbum de família e nos apresentou essa história. Eles agora podem editar a sua própria história fotográfica. O que vai sair disso, não se sabe. Mas também não sabíamos o que ia sair da gente.

Mozart acrescentou que a câmera instantânea Fujifilm Instax está sendo uma grande surpresa pelo sucesso das vendas. Ela é uma versão repaginada da famosa Polaroid, que imprime a foto na hora da sua captura. A própria Fuji está sem saber o que fazer com o sucesso repentino, e estuda como se reposicionar no mercado. De tanto que explodiu, a Instax já está virando cultura.

Para Simonetta, o poder da foto impressa é o pertencimento, ela é só sua, e de ninguém mais, como objeto físico. Ela contraria a sociedade que achava que tudo era líquido. Na nuvem, nem sabe onde está. Mas impressa, você dá um pouco pra essas pessoas do que está aqui na sua mão.



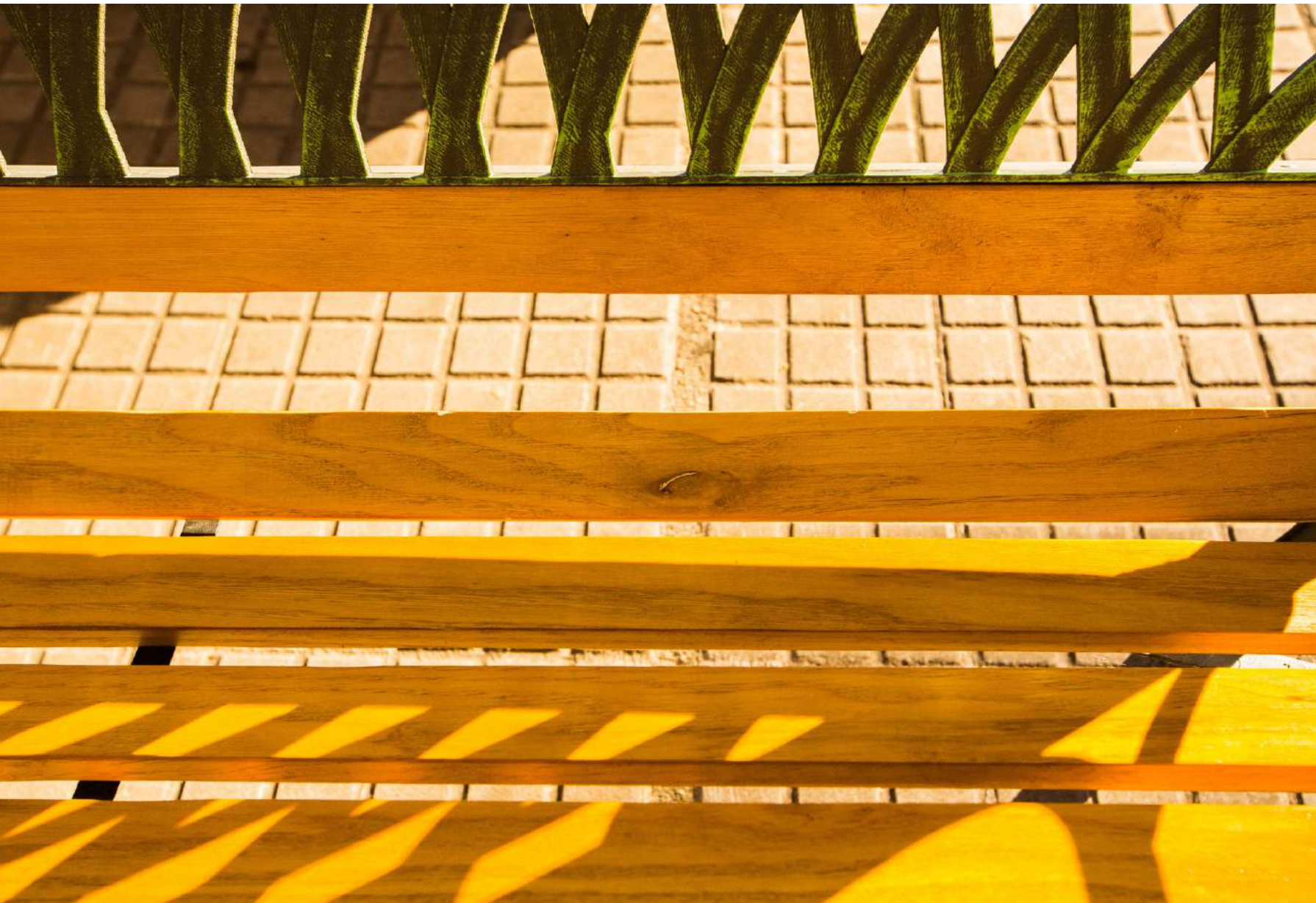
opinião

Talvez, o poder da Instax é ser uma só na materialidade. Quando se fotografa, e joga na internet, ela passa a ser milhares de novo, mas chama a atenção imprimir de imediato, ter uma só. Na Fotografar, a Fuji construiu um estande que foi o maior sucesso: com uma câmera Instax, e com os materiais para as pessoas construírem seu livro de montagens com essas fotos que foram impressas na hora pela câmera. Havia filas e filas de gente querendo montar seu próprio scrapbook, com o apoio da equipe que ensinava a fazê-lo. Acreditamos que essa o scrapbook manual pode vir a afetar os fotolivros digitais, que podem, novamente, voltarem a uma fase na qual se acrescentam novos elementos para além da fotografia. Sem dúvida, todo esse movimento da colagem com a fotografia também é fruto da febre das stories no Instagram – publicações nas quais

aparecem fotos e textos, gifs, emojis, tudo misturado. Esta é uma retomada da criatividade pelos adultos, pois geralmente esse tipo de arte fica restrita a crianças na escola. E é excelente que todos voltem a se conectar com o seu lado criativo, fazendo a sua própria arte. Por mais que as stories sejam tão efêmeras, ou que retratem apenas algo sem um valor de conteúdo maior, a sua importância, sem dúvida, se dá nessa possibilidade de criação artística.

A fase minimalista dos fotolivros é muito importante, pois dá mais valor à fotografia, privilegiando as imagens em meio a espaços brancos. Contudo, às vezes, esse movimento “clean” nos álbuns pode pecar por falta de criatividade. Pode até ser que agregar outras ideias deixe as montagens mais poluídas, mas brincar com a criatividade pode dar um incremento para esse material, trabalhando com cor, com movimento. E esta retomada do scrapbook pode influenciar muito nisso.





Uma viagem criativa

Outro grande acerto do Congresso Fotografar 2018 foi a palestra de Roberta Tavares e Dan Immel – tanto que eles foram aplaudidos de pé. Dan é fotógrafo, editor, e gerente de projetos da Magnum Caravan Brasil - extensão do programa educacional e cultural da agência Magnum Photos em diferentes cidades brasileiras. Roberta é produtora cultural, e codiretora da caravana da Magnum. E foi baseada na grande agência, justamente, que Roberta deu voz à palestra da dupla. Sob o título “Uma caravana criativa: apertem os cintos e aproveitem a viagem”, Roberta conduziu a plateia por uma verdadeira jornada, fazendo uma relação de imagens de casamento, de família, com fotos de referência dos fotógrafos da Magnum. Exibiu, assim, exemplos desses profissionais que chegaram a agência pela excelência de suas imagens, inspirando a plateia a aplicar os conceitos nas próprias fotos por meio de lições principais que guiavam a sua palestra.

A produtora cultural iniciou sua fala fazendo uma retrospectiva da história da fotografia, inserindo a Magnum nesse processo. Passou, por exemplo, pelo lançamento da importante revista Life, que provocou nos seus leitores o desejo de conhecer para além do que estava ao seu redor, trazendo diferentes realidades. Depois, foi para a década de 1950, a época de ouro do fotojornalismo, na qual se ressaltou a importância da fotografia documental, surgindo assim uma voz pessoal que conectava assuntos globalmente. As palavras-chave eram então consciência e entendimento.

Para a fase da fotografia contemporânea, Roberta trouxe exemplos muito pontuais, explicando que agora não é só questão das pessoas saberem mas, sobretudo, de sentirem.

“Na fase contemporânea, cito nomes como D’Agata e Miguel Rio Branco. Eles pegam essa fotografia autoral e começam a depositar recursos criativos, subjetividade, emoção. Palavras como autoria e assinatura passam a ser populares. Porque eles percebem que tudo que for capaz de despertar os sentidos importa. E agora não é só sobre as pessoas verem e saberem. É as pessoas sentirem. E eles sabiam que isso ia fazer com que elas chegassem mais perto do poder da fotografia, que é essa reflexão, que elas pensem, interroguem, questionem, principalmente que elas cheguem a suas próprias interpretações e verdades.” Roberta Tavares

Ela falou ainda sobre o futuro da fotografia.

“As pessoas confundem muito realidade com verdade. A realidade é inatingível, é inacessível, é montável e muda a todo o momento. A verdade não, a verdade ela é única, é pessoal, é sua, é individual. E o melhor da verdade é que você, como fotógrafo, não é a sua posição impor essa verdade. Você não é o ditador da verdade, você não tem o monopólio dela. O máximo que você tem é a generosidade de fazer a sua verdade, um filtro, na esperança que outros vão ver. Então a pergunta de um milhão de dólares pra fechar essa lição ainda continua pairando no ar, e que nos conecta a todos aqui: qual o futuro da fotografia? O fotojornalismo está morto? A fotografia documental está condenada? Essas perguntas ainda amedrontam a Magnum. E o que ela faz com isso? Se esconde? Não, ela se concentra na fórmula simples, na cartilha. A arte de premeditar anda de mãos dadas com a arte de se reinventar, e a arte de se reinventar é sua única garantia nessa indústria.” Roberta Tavares

Uma das lições de Roberta foi que o instante decisivo na fotografia – conceito criado por um dos co-fundadores da Magnum, o fotógrafo Cartier Bresson – existe sim, mas você precisa estar preparado pra ele. Pode contar com a sorte, na qual todos os elementos se encaixam, mas se a bateria acabar naquele momento, a foto estará perdida.



“Você pode contar com a sorte, com os deuses da fotografia, mas tem que estar preparado. E estar preparado é exaustivo, cansativo, agonizante. É você prever, materializar sua foto muito antes dela ser concebida. É uma negociação e barganha emocional e psicológica com você o tempo todo. Conheça a configuração da sua câmera, estude a sua luz, escolha o seu background, tenha muito mais baterias e cartões de memória do que você julgue necessário. E seja paciente. Porque a tortura maior não é não ter a foto. É perder a foto e saber que foi culpa sua, e ter que ficar lidando com essas desculpas que a gente conta pra nós mesmos.”
Roberta Tavares



Outra das lições da palestra é que cada um precisa se conhecer, para poder fazer uma fotografia honesta. Um dos conceitos mais repetidos do mercado da fotografia é a famosa frase do fotógrafo e um dos co-fundadores da Magnum Robert Kappa, que diz que se sua foto não está boa, você não está perto o bastante. Mas esse conceito não significa apenas se aproximar do seu objeto. Na verdade, se o fotógrafo se conhece, então ele entende que tipo de fotografia ele tem a capacidade de produzir. Ele não pode ser tímido e querer fotografar com flash nas ruas. Não pode ser extrovertido e se contentar em não fotografar festas. Assim, Roberta trouxe exemplos, e traçou um paralelo com dois tipos de fotógrafos na Magnum, uns que acreditam nessa relação afetiva que fotografam muito perto, e outros que não acreditam tanto e que fotografam longe, mas que no final das contas todos eles são excelentes fotógrafos. Segundo ela, a razão para todos estarem produzindo grandes fotografias é porque eles têm um pacto em fazer com que o estilo deles seja espelhado na personalidade e não vice-versa.

“O que o pessoal da Magnum fez pra entrar na agência? Eles ouviram essa voz - não é uma voz única, voz única é muita pressão pra qualquer mente criativa. Eles ouviram essa voz que os torna singulares e não tiveram medo de reverberar em toda a extensão da existência deles. O segredo é: seja honesto.” Roberta Tavares



Argumento parecido foi usado por Luiza Ferraz em sua palestra “Trajetória no ambiente digital”. Para a fotógrafa, quando lhe questionam “você é fotógrafa de quê?”, ela responde: “sou fotógrafa de tudo o que atrai o meu olhar, o que me faz bem”. Luiza fala sobre essa questão também para atrair o olhar nas redes sociais, pois você pode postar outras coisas que não sejam apenas a sua fotografia comercial, buscando novos olhares na fotografia.

Também o paralelo entre fotografia comercial e autoral entrou na palestra de Dan e Roberta. Para a Magnum, é perfeitamente plausível que se tenha um trabalho para pagar as contas, e que assim possa servir de autopatrocínio para se dedicar a trabalhos que realmente importem e que se deseje fazer. Roberta frisou que há fotógrafos com uma relação de culpa e ressentimento dentro do nicho comercial que resolveram atuar, mas não deveria ser assim, pois se você é um bom fotógrafo, sua assinatura vai estar lá, sendo comercial ou autoral.

“O seu pacto deve ser o de preservar essa assinatura. Porque todos os fotógrafos se encontram nessa verdade universal: uma boa fotografia é uma boa fotografia. Um bom fotógrafo é um bom fotógrafo. Não importa se de casamento, de formatura... Todos são bons fotógrafos, pois estão analisando as mesmas características e elementos que fazem uma boa foto. Os fotógrafos da Magnum acreditam que a fotografia de casamento é a irmã mais próxima da fotografia documental. Ela é a prática constante de todos os elementos que garantem uma boa fotografia.” Roberta Tavares

Essa ideia de que é preciso dosar entre o trabalho autoral e o comercial também foi defendida na palestra “Uma visão autoral na fotografia de casamento” da fotógrafa Tati Pinho - que vem desenvolvendo projetos pessoais. Ela coloca que “não existe fotografar 90% pra mim e 10% para o cliente. Qualquer trabalho comercial tem que prestar contas para o cliente”.



opinião

A palestra arquitetada por Roberta e Dan, de fato, foi um choque de realidade, e foi uma aula de inspiração para toda a plateia. Mas mais do que inspiração, trouxe acima de tudo conhecimento e ótimas referências. Afinal, nada mais importante do que conhecer o passado e os grandes fotógrafos para entender o caminho da fotografia até aqui. Ninguém reinventa a roda, e por meio do que eles já fizeram podemos nortear melhor o nosso futuro. Após a palestra, ficou bem claro para nós: só vai ter poder quem tiver conhecimento e informação.

Sobre a Fotografar 2018

Estivemos presentes em diversas edições da Feira Fotografar, inclusive na de 2017, e assim podemos afirmar com propriedade: esta foi uma das

melhores edições. Em relação ao ano passado, vimos um grande upgrade, com os espaços dos stands maiores. A feira estava mais clean, dinâmica e moderna.

O público foi um crescente, mas já com muita gente no primeiro dia, e se tornando uma multidão nos últimos momentos. Parece que o movimento da fotografia começa a ser retomado, depois da crise econômica que assolou o país. Conversamos com alguns expositores, que estavam muito satisfeitos, não apenas com a movimentação, mas também com o grande número de negócios e vendas já concretizados na feira. Vimos muitos expositores investindo pesado nos atrativos para fechar negócios na hora, como brindes, descontos e sorteios. Uma sugestão que ouvimos deles foi de determinar um horário específico da feira apenas para os congressistas, já que eles aproveitam os intervalos entre as palestras para circular pelos corredores da feira, e é neste momento que



opinião

precisam de uma atenção rápida e especial, para depois retornarem brevemente às palestras.

Neste ano, a Fotografar também teve a visita de muitas escolas. Isto ajudou os corredores a ficarem lotados, por vezes dificultando o atendimento aos congressistas, que são o público-alvo dos expositores. Contudo, é extremamente importante a abertura da feira para o público de fora da área. Afinal, são estas pessoas que vão consumir fotografia, que podem ver os álbuns e se interessar por fazê-los com fotógrafos profissionais. E, ainda, são os estudantes adolescentes que podem vir a se interessar e investir na profissão fotógrafo.

Quanto ao Congresso Fotografar, o sucesso não poderia ser maior. Caiu de vez o formato de palestrante só falar de sua própria carreira e de sua própria fotografia. Agora, as palestras exibiam projetos e traziam muitas referências. Inclusive vimos palestras como a de Marcio Prestes, que foi uma verdadeira aula de como otimizar seu tempo, organizar seu fluxo de trabalho para poder dedicar mais atenção às suas atividades e projetos autorais. Os três dias de congresso contaram com a plateia lotada e atenta, que parou para ouvir os temas principais: casamento, família e newborn.





lugares que todo fotógrafo deve visitar

Instituto Moreira Salles Paulista





Inaugurou em 2017 no início da Avenida Paulista o centro cultural Instituto Moreira Salles (IMS Paulista). Antes, o Instituto era privilégio apenas dos visitantes na sede do Rio de Janeiro. A sua nova casa é um prédio contemporâneo no coração de São Paulo, com 1200 metros dedicados à exposições de fotografia e de arte. Os sete andares formam um museu vertical e é, de fato, um templo da cultura. Só pelo prédio em si já valeria a visita, e para ver a Avenida Paulista a partir de seu terraço. Mas a programação sempre é imperdível. A entrada é gratuita para o centro cultural e as exposições. Além destes espaços, conta ainda com cineteatro, salas de aula, a loja/livraria IMS por Travessa e um café.



Mas talvez o maior atrativo para os fotógrafos seja a biblioteca de fotografia, a maior da América Latina. E o melhor: aberta para consulta! O site do IMS Paulista explica que o espaço tem capacidade para abrigar 30 mil itens, e seu objetivo é incentivar a pesquisa no campo fotográfico e colaborar para a compreensão da fotografia nos seus mais diversos modos de expressão. “Além do catálogo de obras gerais, selecionadas pela curadoria, há coleções especiais de nomes como Stefania Brill, Thomaz Farkas, Iatã Cannabrava, Vania Toledo e Steidl”, explica o site do Instituto. Quando estivemos por lá, vimos diversas exposições brilhantes. Uma delas foi “Os Americanos”, do fotógrafo Robert Frank, um dos nomes mais

importantes da fotografia americana. A coleção tem quase 100 fotografias, pertencentes à Maison Européenne de la Photographie, de Paris. Também vimos a vídeo instalação “The Clock”, de Christian Marclay, que dura 24h e vai mostrando cenas do cinema que fazem referência ao horário que o espectador está assistindo. Assim, aparecem muitos relógios, aleatórios ou programados pelo roteiro, bem como os personagens falando as horas. Ainda, visitamos a exposição “Câmera Aberta”, de Michael Wesely e a do fotógrafo Chichico Alkmim. De qualquer forma, nosso conselho quanto ao IMS Paulista é: vá. Apareça para uma visita despreocupada. Vale sempre a pena!



análise - festivais de fotografia

FestFoto POA 2018





Entender as relações da fotografia para além do que é produzido localmente ou nos grandes centros. Fazer um trabalho de geopolítica – procurando entender o papel da fotografia para interpretar os fatos da atualidade, usando as relações entre locais diferentes para uma tentativa de compreensão do todo. Este foi o norte do festival internacional de fotografia de Porto Alegre deste ano, o Fest Foto POA 2018. E que foi cumprido à risca: entre os dias 8 e 12 de maio, o evento trouxe à capital gaúcha convidados que traçaram relações e parcerias muito interessantes, e que brindaram a plateia com recortes da sua realidade fotográfica. Foi uma miscelânea de visões, de sotaques e de idiomas, com participações como do Ceará, do Uruguai, da Colômbia e até da China. E assim justificou o tema da sua 11ª edição: “Gêneros em Trânsito: Fotografia de Fronteira”.

Mas a ideia de entender o papel da fotografia dentro de contextos geográficos é uma marca que não pretende



durar apenas neste ano. Como o diretor do festival Carlos Carvalho explicou, a geopolítica está desenhando também o processo curatorial do FestFoto POA para as próximas edições. Segundo ele, questionamentos como estes vão surgir: qual o papel da fotografia brasileira dentro da fotografia latino-americana? E qual o papel da fotografia latino-americana dentro do contexto internacional? Qual o papel do FestFoto nessa história toda? Afinal, o evento pretende debater também relações político-culturais entre os seus parceiros e sobre a geopolítica brasileira.

Desde o seu nascimento, de acordo com Carvalho, o FestFoto POA preocupou-se em não ser um mero repetidor do que ocorria em São Paulo e no Rio de Janeiro – trazendo sim convidados de lá, mas encontrando novas pautas. E ampliando suas fronteiras, buscando estreitar laços com o Museu da Fotografia de Fortaleza, fazendo um intercâmbio entre a fotografia gaúcha e a cearense. Confira abaixo o que foi debatido nesta palestra, e também em outras que a Sala de Fotografia acompanhou ao longo do festival.



Ceará

O diretor do FestFoto POA Carlos Carvalho explicou que Silas de Paula veio do Ceará para falar sobre a tentativa de arquitetar uma agenda comum, que passa por debates como: pra que serve essa linguagem fotográfica? O que estamos buscando na nossa linguagem, nas coisas que são colocadas em prática pelos fotógrafos? Quais são as curadorias que estão fazendo a diferença tanto pra nós como pra eles? Silas falou na palestra “Curadoria e os caminhos geopolíticos na fotografia brasileira - Painel da Fotografia Cearense Contemporânea 2018”.


Ele começou sua fala contando sobre o Encontros de Agosto, que já ocorre há 15 anos em Fortaleza. Nos primeiros anos, o evento se dedicou a acontecer para aumentar o alcance visual dos fotógrafos cearenses. Depois passou a uma tentativa de formação, de discussão, de debate sobre o que é a fotografia. Assim, realizou parcerias com o FestFoto e o Cdf - Centro de Fotografia de Montevidéu, fazendo relações geopolíticas.

“Há uma efervescência enorme no Ceará em relação à fotografia, mas está presa dentro da cidade, do estado. Dar visibilidade a isso é o que se chama de geopolítica.” Silas de Paula

Carlos Carvalho explicou que a parceria se deu com a sua visita ao festival Encontros de Agosto, percebendo assim a incrível produção do Ceará que nos era desconhecida aqui no sul.

“Vimos que tinha produção muito boa no Ceará, que estava escondida. Quando existe produção com potência, e se vê que existe uma vontade de ser ampliada, então nós como diretores de festivais temos um impulso natural de utilizar mecanismos que estão a nosso dispor para aumentar essa visibilidade. Não faz mais sentido ter uma produção desse tamanho desconhecida pela maioria. Afinal, a discussão está sempre dentro daquele eixo dos interesses de Rio-São Paulo. Trata-se de se ter informação do que está sendo feito. Com certeza existem outras partes do país pra conhecermos a produção fotográfica. O FestFoto quer iniciar essa pesquisa das produções do Brasil, e da América Latina. O papel do festival é se expandir e manter essas parcerias fora do eixo.” Carlos Carvalho

Silas contou ainda que Fortaleza possui o Museu da Fotografia, que é fruto de uma coleção privada. Também por lá o Teatro Santana, que foi transformado numa espécie de centro cultural, oriundo de um projeto particular, trabalha com processos criativos na fotografia.



“A imagem hoje é uma questão fundamental. O que nós precisamos é uma educação para imagem, mas não só pra quem quer ser fotógrafo. A fotografia traz uma possível criticidade, visualidade do mundo que ultrapassa até o processo de ser fotógrafo. Nem todo mundo vai ser fotógrafo, mas pode fazer trabalho sobre visualidade, da mostra de olhar. Por exemplo, ano passado tinha 700 milhões de pessoas no Instagram, quantas imagens têm nessa história? Há um processo que é feito dentro do mercado de arte que tem que ser trabalhado e que é fundamental, mas tem outra coisa da fotografia, que é como a gente se coloca no mundo, é como a gente vê, sempre com certa criticidade. Me interessa que essas pessoas participem cada vez mais.” Silas de Paula

Portfólio

A quarta-feira do FestFoto POA 2018 trouxe ainda dois fotógrafos selecionados em leituras de portfólio em anos anteriores. Os profissionais vêm recebendo prêmios com esses trabalhos, cujas portas foram abertas pelo próprio festival. A mediadora desta mesa, Sinara Sandri, explicou esta relação do evento com a descoberta de talentos.

“Acreditamos que o FestFoto gere oportunidades para autores brasileiros. Se a gente pensa porque está fazendo esse festival, muito é para viabilizar essas oportunidades. Se botar na ponta do lápis, tem valido muito a pena quando se vê os resultados de determinadas carreiras. Sem falar tudo que se acumula com o intercâmbio e na circulação destes profissionais em Porto Alegre.” Sinara Sandri

Um dos integrantes da mesa, o baiano Paulo Coqueiro, contou sobre seu trabalho “Não minta para mim”. Neste livreto de aspecto forense, Paulo conta como inventou um fotógrafo no Facebook com o nome de Tito Ferraz. Ele fazia denúncias de problemas ambientais, contando com ampla repercussão nessa mídia. Depois ele desapareceu, repentinamente. E então Paulo foi entrevistando importantes fotógrafos da cena baiana, perguntando como conheciam Tito, qual tinha sido a sua relação com ele. Sempre na ficção, foi mostrando que a foto de Tito era uma montagem, e o que ele postava também era falso. Seu trabalho quer reforçar então, a reflexão sobre a credibilidade que a imagem nos passa, e das formas que a gente se deixa ludibriar por essas imagens.



“Eu queria fazer um trabalho de ficção, queria poder contar história com foto. Plantar a dúvida no meio dos fotógrafos, até onde vai nossa crença na imagem, até onde se vai acreditar nesse tempo de tantos maus usos da imagem? Pensei em inventar um personagem como no cinema se faz. Claro que na foto também podia ser feito.” Paulo Coqueiro



Paulo contou que escreveu o roteiro para esta ficção, algo que não é novo na arte, muito menos na literatura, mas que é menos comum na fotografia, pois ela tem este lugar que dita que deve ser prova da verdade.

O outro participante da mesa do FestFoto foi o gaúcho Fábio Del Re, que conquistou com a leitura de portfólio uma bolsa no festival de fotografia de Houston, nos Estados Unidos. Lá, o fotógrafo viu uma de suas fotos ser comercializada no leilão de financiamento do festival por 5 mil dólares. Fábio tem uma série de fotografias de garrafas, baseadas nas pinturas do artista italiano Giorgio Morandi.



opinião

O trabalho de Paulo é realmente interessante, pois nos remete à mais do que atual e necessária reflexão do que é verdade nas redes sociais. E também deixa latente a preocupação que devemos ter em entender que a fotografia não é o mundo, ela representa de forma ficcional o mundo. E a imagem é capaz de contar mil histórias, dependendo do ponto de vista de quem conta. Assim, tal como a palavra, ela tem a capacidade de mentir, ou de omitir. Seu trabalho, inclusive, nos lembrou do personagem Robert Capa, o grande fotógrafo americano de guerra e um dos co-fundadores da agência Magnum. Ele foi um personagem inventado por um casal de fotógrafos fugitivos da República de Weimar na época da ascensão de Hitler. Depois de descoberto o pseudônimo,

Endre Erno Friedmann, húngaro, acabou por assumir para si a identidade que criou junto com sua companheira Gerda Taro.

O trabalho de Fábio mostra como um dos conselhos que temos ouvido nos festivais de fotografia aos profissionais da imagem é mais que válido: estude pintores. Afinal, estes artistas, muito antes da invenção da fotografia, já tinham complicadas noções provindas do estudo da luz e das sombras. Inclusive, uma das técnicas de iluminação na fotografia - a iluminação 45 graus - até hoje se chama luz de Rembrandt, em homenagem ao holandês mestre da luz e da sombra. Mais do que o aprendizado puro e direto, estudar grandes pintores pode servir como grande inspiração, tal como provado aqui por Fábio.





“Arte e cultura: é isso que nos diferencia dos animais. Quando damos signos e símbolos às questões, quando nós nos revelamos a partir das memórias, quando nos referenciamos por meio da arte e da cultura, é isso que nos faz viver plenamente. Assim, a cultura é fundamental para que essa vida seja constituída na sua intensidade.” Eduardo Saron

Cultura

Eduardo Saron, representante do Itaú Cultural, falou sobre “O novo paradigma cultural” na quinta-feira do FestFoto 2018. Já havíamos ouvido as lúcidas falas de Saron no Festival Valongo 2017, em Santos. Desta vez, Saron focou sua palestra sobre os direitos culturais, explicando que, há 70 anos, na declaração dos direitos humanos, já se falava em garantir a vida na plenitude, e para a sua concretização a arte e a cultura são algumas das que falam mais alto.

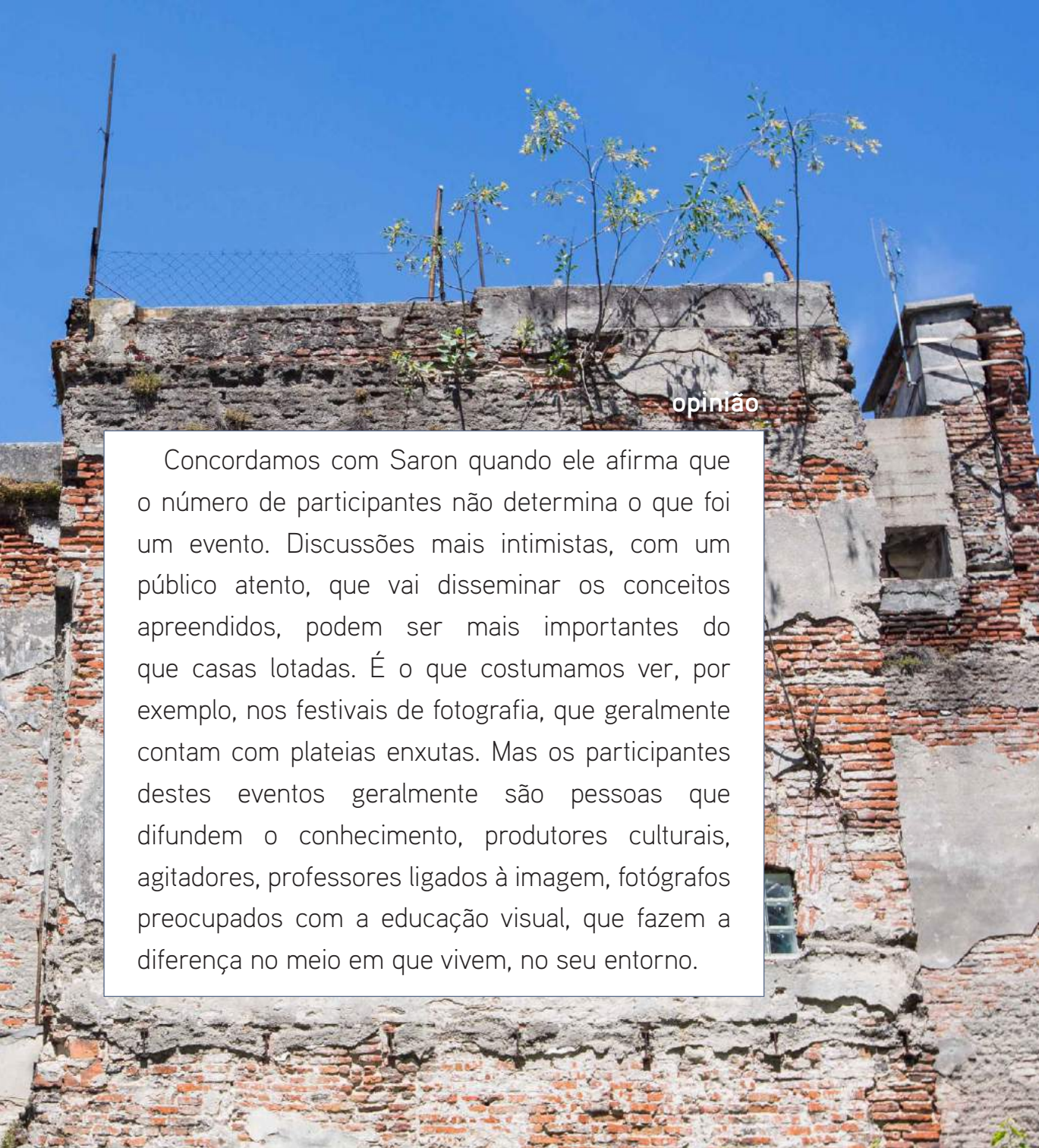
E, para assegurar os direitos culturais, não basta garantir o acesso à cultura, a referência não pode ser apenas a democratização do acesso. De acordo com Saron, o novo paradigma deve ser o da participação.

“O grande diferencial é fazer com que as pessoas participem do processo de constituição da vida cultural de uma cidade. Claro que isso aumenta muito a dificuldade de uma ação cultural, e de uma política pública. É muito mais complexo participação do que acesso. Precisamos ter isso como meta: pessoas tendo condições de decidir sobre seu processo de participação na vida cultural. Cultura é sempre decisão individual, não é dever, mas pra decidir se quer participar, indivíduo

deve estar exposto a essas possibilidades. Esse é o grande paradigma, a gente sai da democratização do acesso, e passa para a democracia cultural. O acesso é parte da participação, mas oferecer acesso não significa oferecer participação.” Eduardo Saron

Saron explicou ainda que não se deve ter como única métrica quantas pessoas foram a um evento de cultura para determinar o seu sucesso. Para ele, falar para 15 pessoas, às vezes, é mais importante do que falar para 50 mil. Há também que se ter cuidado com a espetacularização da cultura, fruto de sua aproximação com o marketing, que pode querer dar mais dinheiro aos fogos de artifício do que ao artista, por exemplo. Como sugestão, Saron diz para investir em formação do público, formação da cadeia produtiva da cultura e da arte e no fomento – algo que o FestFoto já vem fazendo, segundo ele. Por fim, ele reforçou que é preciso de uma política para artes no Brasil.

“À medida que muda a perspectiva do acesso para a participação, você faz com que o sujeito seja protagonista da sua própria transformação. Pois assim ele se encontra com sua história, certamente fica incomodado com ela, e vai ser protagonista da mudança da sua história porque não concorda com o que o trouxe aqui, e precisa transformar a si e a seu entorno. Esta perspectiva, a meu ver, só tem possibilidade de mudanças se a gente deixar o paradigma do acesso - vejam, não é deixar o acesso, é o paradigma, a referência - pra colocar no lugar disso o propósito da participação.” Eduardo Saron



opinião

Concordamos com Saron quando ele afirma que o número de participantes não determina o que foi um evento. Discussões mais intimistas, com um público atento, que vai disseminar os conceitos apreendidos, podem ser mais importantes do que casas lotadas. É o que costumamos ver, por exemplo, nos festivais de fotografia, que geralmente contam com plateias enxutas. Mas os participantes destes eventos geralmente são pessoas que difundem o conhecimento, produtores culturais, agitadores, professores ligados à imagem, fotógrafos preocupados com a educação visual, que fazem a diferença no meio em que vivem, no seu entorno.

Fotografia colombiana

A sexta-feira do festival trouxe a fundadora e diretora da Bienal do Foto Museo de Bogotá Gilma Suárez. Ela exibiu de uma forma muito sucinta o seu próprio trabalho fotográfico, mostrando imagens que registrou de pessoas em exposições de arte, fazendo nelas uma simbiose do espectador com a obra apreciada. Depois, ela narrou a história da fotografia na Colômbia, exibindo o trabalho de fotógrafos colombianos como de Leo Matiz, Andrés Sierra, Luis Fernando Valencia, Hernán Diaz, Patricia Uribe.

A apresentação de Gilma foi excelente, já que, quando temos a chance de ouvir uma palestra internacional, é natural termos a curiosidade sobre qual é a produção fotográfica do país em questão.

A terceira etapa da apresentação de Gilma contou com sua explicação sobre o Museu Nacional da Fotografia da Colômbia, criado em 2000. Ele surgiu da necessidade de fotógrafos colombianos terem um lugar pra expôr seus trabalhos. Com a ideia de trazer a fotografia para a rua, para todos poderem desfrutar, instalaram módulos itinerantes pela cidade. Assim, uma exposição fotográfica dura 45 dias, e fica 15 dias em cada lugar, até em bairros mais afastados da capital, democratizando o acesso. Além de expôr fotógrafos colombianos, também trouxeram grandes nomes da fotografia internacional, como Sebastião Salgado, Elliot Erwit, Robert Doisneau – com este último, que registrou o cotidiano francês, quis se fazer um paralelo entre ruas de Paris nas ruas de Bogotá.

Depois, a partir de 2005, conseguiram dar um passo a mais: para além das exposições, realizaram um festival de fotografia, chamado Fotográfica Bogotá. Este sempre tem um tema específico, com um país convidado – e o primeiro foi, justamente, o Brasil. No festival, há um grande encontro teórico com pensadores da fotografia durante uma semana.

Último dia

O último dia do FestFoto 2018 contou apenas com presenças internacionais. Para abrir a primeira palestra da tarde, falaram os fotógrafos Wendy Sacks, dos Estados Unidos, vencedora da convocatória do festival deste ano, e Alain Schroeder, da Bélgica, vencedor da convocatória do ano anterior.

Wendy era pediatra, e enquanto trabalhou nesta área, tirava fotos dos pacientes para depois ilustrar suas palestras. Até que ela mesma ficou doente: a doença afetou tudo, seus pulmões, ouvidos, quadris. Quando deixou de exercer a sua profissão, resolveu começar a fotografar crianças saudáveis, mas não se considerava fotógrafa.

Começou então a fotografar a sua filha debaixo d'água, na banheira. E assim começou a sua série impressionante de crianças sob a água. Olhando o seu incrível trabalho, notamos que há uma poesia em suas fotos, uma beleza que provém de muita sensibilidade.

Wendy contou que ficou muito frustrada quando precisou dar depoimentos e criar nomes para as suas fotos para participar do festival de fotografia Photo Fest Texas, nos Estados Unidos. Seu objetivo

é que as imagens estejam abertas à interpretação.

As fotos de Wendy são realmente incríveis – ela tem inclusive uma outra série, que é sobre abuso infantil, chamada de “Monstros no Armário”. São fotos fortes, que mostram veladamente o abuso. Mas o que sentimos é que talvez Wendy, como a grande maioria dos artistas, nem sempre consegue explicitar a prática de sua experimentação, deixando ao espectador o papel do entendimento. E aí é que se denota o importante papel do curador, que auxilia na contextualização do seu processo de criação.

Alain Schroeder falou logo após Wendy. Ele começou a contar sobre a sua carreira a partir de uma foto que registrou na Índia no início de seu trabalho, quando ficou à espera de como ia se desenrolar o velório de um bebê. Foi recompensado: surpreendentemente, ele conseguiu registrar o momento que a família arremessa o corpo nas águas do rio Ganges. Depois, Alain passou a dedicar seu tempo à fotografia de esporte, sobretudo de partidas de tênis – foram mais de 500 capas de publicações com suas imagens. Ele ganhou o renomado prêmio WordPress na categoria de esportes.

Já citamos anteriormente a influência que pintores podem exercer na fotografia, e Alain contou que também se inspirou nesta fonte.

“O surrealismo da arte da Bélgica está em mim, de alguma forma. Há ótimos artistas no país, como René Magritte. Eu estudei eles, vi tantas exposições. E eu gosto dessa atmosfera.” Alain Schroeder

O fotógrafo criou uma agência de fotografia sua, mas precisou vendê-la em 2011, quando o dinheiro começou a sumir. E ainda relatou muitas outras séries fotográficas suas, como um livro sobre o carnaval na Europa, campo de refugiados em Mianmar, pessoas dormindo nas ruas na Índia – um hábito no país, fábrica de tijolos em Bangladesh, entre outros.

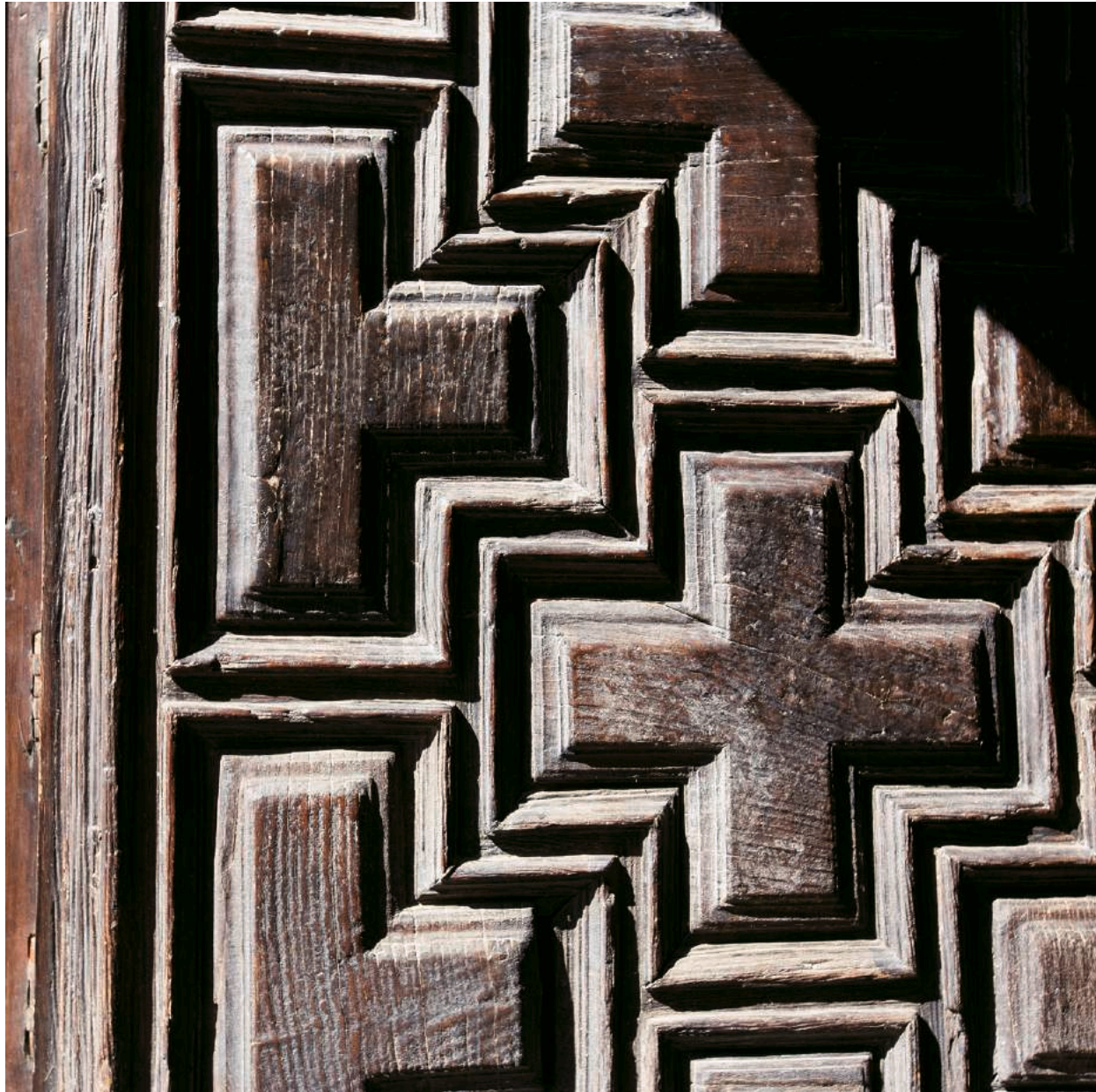
Por fim, a última palestra do FestFoto trouxe uma Torre de Babel ao evento. Duan Yuting, fundadora e Diretora do Festival de Lianzhou, na China, preferiu falar em mandarim e às vezes em inglês. Ela explicou o festival de fotografia da cidade de Lianzhou, que fica no sul da China. Exibiu ainda o impressionante museu da fotografia construído no local. E trouxe alguns exemplos de fotógrafos contemporâneos de seu país.



opinião

O FestFoto POA, sem dúvida, é um exemplo que plateia lotada não é o mais importante em um evento deste calibre. Por exemplo, no sábado à tarde, que tinha apenas palestras internacionais, não contou com mais do que 50 pessoas no auditório. Mas as discussões promovidas ao longo dos cinco dias de programação reverbam para muito além destes números. Se traduzem nos intercâmbios de ideias entre os parceiros, nas reflexões pertinentes para muito além do tema da fotografia, na transmissão via internet para muitos que não conseguiram chegar até o local, nas leituras de portfólio que impulsionam carreiras. Só podemos esperar que o evento continue com muito fôlego para alavancar cada vez mais o seu importante papel na fotografia brasileira – e, com todas as importantes parcerias que vem articulando com outros países – na fotografia internacional.





processos artísticos que todo fotógrafo deve ver

11ª Bienal do Mercosul

por Sabrina Didoné



*Obra da artista Sonia Gomes



Lembro claramente que, no Ensino Médio, a minha escola levou todos os alunos a Porto Alegre para visitar a Bienal de Artes Visuais do Mercosul. Naquela época, eu nem sabia o que era o evento, ou seja, que ele ocorre a cada dois anos (por isso Bienal) e traz à capital gaúcha o que há de mais importante na arte contemporânea, tanto a produzida no Brasil quanto pelos nossos vizinhos de continente. É uma ocasião para apreciar arte, sempre gratuito, e é uma grande honra que Porto Alegre possa sediá-lo. Bem, naquela época, não gostei do que vi, é óbvio, não entendi nada. Mas tenho certeza de que, se o professor que nos acompanhava tivesse tido o cuidado de chamar um mediador, eu teria gostado, pois teria entendido que as obras não são feitas para serem bonitas, mas sobretudo para questionarem e fazerem uma reflexão sobre a sociedade, trazendo a arte contemporânea como vetor de discussão sobre o passado, o presente e o futuro.



Héctor Zamora

Não que muitas delas também não sejam belas, esteticamente, muito pelo contrário. Às vezes, ainda se acredita que arte é para decoração. Tanto não é construída para este fim, que por vezes nem objeto ela é. Pode até ser um vídeo, intangível. Ou então uma performance, que dura o tempo que o artista estiver encenando.

De qualquer forma a arte contemporânea ainda é alvo do mesmo preconceito que eu tinha quando não entendi a Bienal: de que ela é pouco entendível, e que poderia ser feita por qualquer um. Ainda mais quando se apropria de objetos do cotidiano. Mas esse é justamente um de seus papéis. Ela faz uma ressignificação das coisas que estão ao nosso redor, permitindo que se veja algo e se olhe para ele de forma diferente. É como o conceito dos ready-mades (que significa já prontos) do artista Marcel Duchamp. Assim, ele se utilizava de objetos como urinol, roda de bicicleta, e os elevava à categoria de obra de arte.

Para a minha alegria, neste ano a Bienal do Mercosul esteve de volta a Porto Alegre, e eu tive uma chance de me redimir com a arte contemporânea. E nela vimos que os artistas estão utilizando muitos materiais alternativos para a sua arte, às vezes materiais de descarte, como plástico que é lacre de bebidas alcólicas, ou até papel pardo. Ao mesmo tempo que se preocupa com o planeta ao não utilizar novos materiais, também cria uma discussão do lixo produzido na nossa sociedade. E vai além:

mostra que as pessoas que estão nessas obras foram tratadas como descarte, como os negros na escravidão, por exemplo.

A 11ª Bienal do Mercosul esteve em exposição de abril a junho em Porto Alegre, e trouxe como tema “O Triângulo Atlântico”. Com esta matriz curatorial, o seu enfoque foi o triângulo formado no mapa por três continentes: a América, a África e a Europa, todos interligados pelo Oceano Atlântico. A exposição reuniu 70 artistas destes três continentes e discutiu, sobretudo, a interação entre estes espaços geográficos, buscando o ponto de encontro entre culturas indígenas, europeia e africana. O grande destaque foi de trabalhos da arte africana e afro-brasileira. Desta forma, e por ser concomitante aos 130 anos da abolição da escravatura no Brasil, vimos muitos projetos que traziam para o debate o preconceito, a forma como o negro foi e é tratado, e o trânsito de sua cultura por meio da imigração forçada – diáspora. Os trabalhos, ainda, procuraram reforçar que a diversidade cultural africana é composta por centenas de grupos étnicos, trazendo uma riqueza cultural e diversificada que nem começamos a entender quando adotamos o estereótipo africano que povoa nossas mentes de seca, fome e pobreza.

Confira algumas obras que a Sala de Fotografia viu nos espaços do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Memorial do Rio Grande do Sul, Santander Cultural, Praça da Alfândega e Igreja Nossa Senhora das Dores.

“Considerando que no campo artístico – como talvez em nenhum outro terreno de reflexão –, diferentes concepções de natureza, tempo e espaço seguem transmutando-se em um sistema altamente dinâmico, a 11ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul aposta que a arte contemporânea, ao apontar conflitos e distúrbios que surgem no choque entre diversas civilizações e camadas sociais, pode se constituir, além de instância de apresentação de expressões e técnicas artísticas inovadoras, também como um poderoso instrumento de reflexão e crítica – capaz, quiçá, de colocar o dedo nas feridas abertas pelo triângulo atlântico.”

texto do Projeto Curatorial da 11ª Bienal do Mercosul

Foto Thiéle Elissa



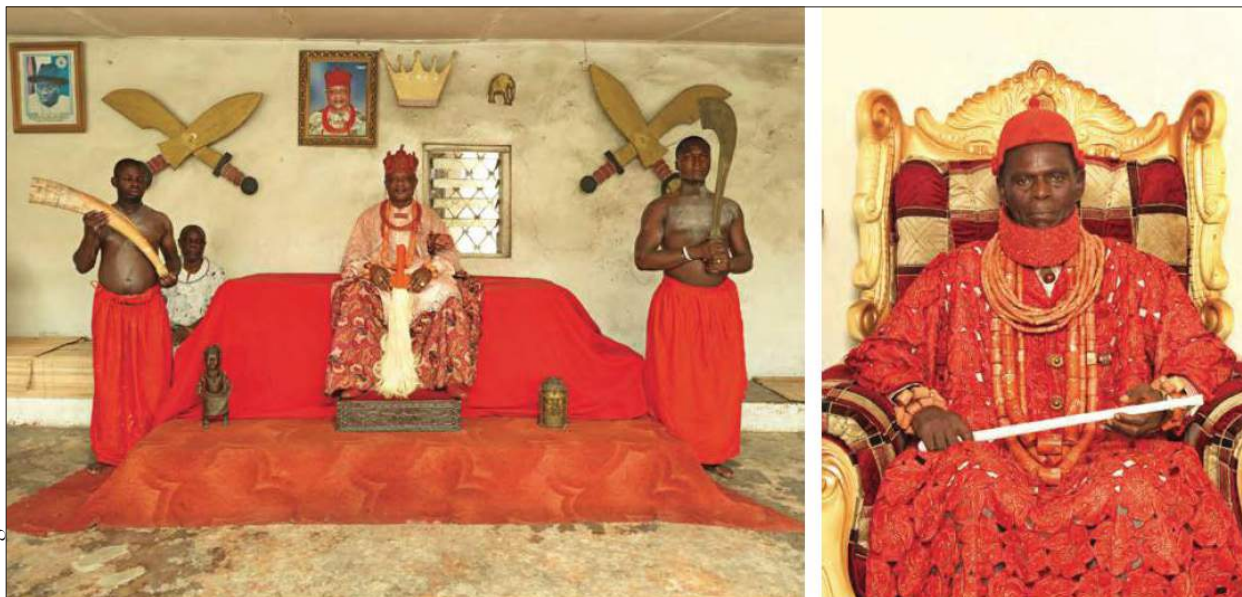
A artista nigeriana Mary Evans traz duas obras a Bienal, uma delas esta, que se chama “Redenção”. São diversas figuras em papel pardo, e mostra os arcos presentes no parque da Redenção, em Porto Alegre. Isso porque a artista faz questão de recriar sempre o seu projeto, buscando algum local que seja de lazer na cidade onde ela irá expor. As imagens mostram negros se divertindo no parque, por dois motivos: viu poucos negros por lá, e eles sempre são retratados em posições de abuso ou de trabalho. O material utilizado, descartável, também reforça como o povo foi tratado. O que a artista não sabia é que o parque tem uma importância crucial na história dos negros da cidade de Porto Alegre: eles ali residiam, faziam seus batuques, antes mesmo da abolição da escravatura.



O artista alemão Frank Thiel faz uma série com 15 fotografias de meninas de 15 anos nascidas nos anos 2000 em Cuba que mantém a tradição de debutantes, ao serem apresentadas à sociedade nesta idade. Mas ele recontextualiza as fotos, ao invés de fotografá-las nos cenários montados tradicionais, as coloca onde vivem, tendo seus bairros de fundo. Assim, elas utilizam o tradicional vestido europeu de princesa, em contraste com o lugar de onde elas vêm. As protagonistas parecem recortadas e coladas na imagem por causa do flash, propositalmente para representar este recorte artificial. O projeto nos leva a refletir, então, de que forma incorporamos outras culturas e, ainda, os códigos de conduta que ainda diferenciam homens e mulheres nesta sociedade.



O artista senegalês Omar Victor Diop alia a fotografia ao seu trabalho como designer na série “Liberty – Uma Cronologia Universal dos Protestos Negros”. Assim, cria montagens, no qual se fotografa, e se reproduz diversas vezes na mesma foto. Nestas oito imagens, ele relembra, interpreta e sobrepõe fatos históricos como lutas e manifestações africanas. Ele se coloca nestas fotos por meio do autorretrato, sendo então o corpo que resistiu. As fotografias foram impressas em tamanho real, desta forma, parece que o artista está presente entre os espectadores.



O artista nigeriano George Osodi traz uma série de oito fotografias intitulada “Nigerian Monarchs”. Em seu trabalho, registra monarcas de seu país natal em seus palácios. Estes reis não têm poder constitucional, mas não perderam a sua coroa. Os retratos buscam, assim, destacar o legado cultural dos diversos reinos que compõem a Nigéria. E deixam evidente as diferenças entre eles: um é muçulmano, outro cristão, outro traz influências da Inglaterra colonizadora. Assim, as fotos têm o papel de desmistificar, já que enxergamos uma África hegemônica na sua cultura. Traz também o herói negro, denotando essa falta de representação. Cada um destes monarcas comporta mil crenças que não chegam até nós.

“Ao apontar que a diversidade cultural dos africanos, composta por centenas de grupos étnicos e línguas, demonstrava-se tão plural quanto a indígena, a exposição busca ainda refletir sobre o fato de que mesmo após uma árdua tentativa de apagamento dessas culturas, fenômenos como o sincretismo e a mestiçagem – ainda que sejam reflexo direto da violência histórica – representam uma forma de resistência e enriquecimento cultural.”

texto do Projeto Curatorial da 11ª Bienal do Mercosul



viagens - Sala de Fotografia

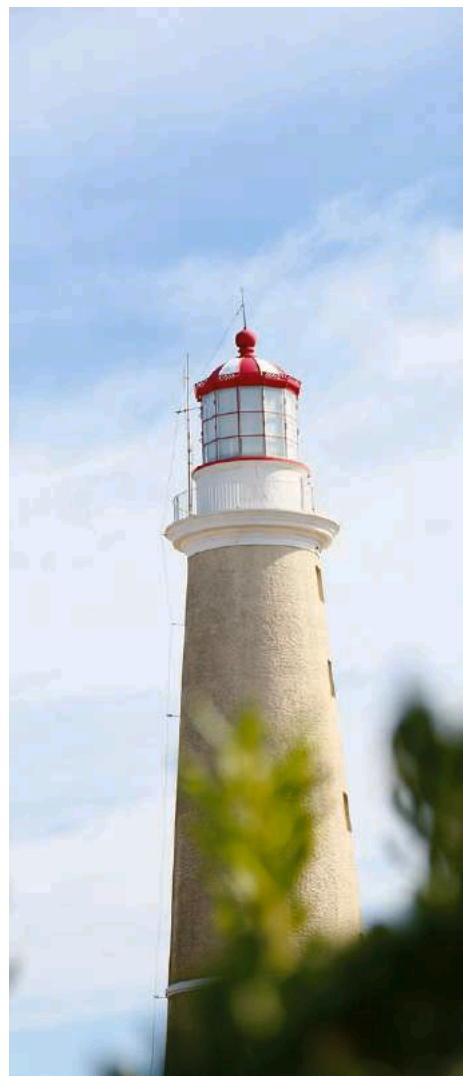
Expedições fotográficas





Ter alma de viajante é estar para sempre dividido. É deixar o coração em tantos pedaços espalhados pelo mundo que nem mais é possível contá-los. É querer continuar longe de casa quando tudo o mais dá errado.

Parece que tem um bicho que pica a gente. Você fica naquelas, viaja uma vez por ano só até a praia, acha bacana e só. Até que tem A VIAGEM, aquela que te prova o quanto é bom se jogar no mundo, que promove uma verdadeira metamorfose em sua alma. E aí você passa a ter um novo objetivo, você sai da zona de conforto e quer conhecer cada vez mais. Se torna um curioso, nada mais basta, nem 100 carimbos no passaporte são o suficiente. E é se jogando no mundo, é se permitindo conhecer sem restrição, que as viagens nos mudam.



SORRIA, VIAJE
APRENDA,
CRIE MEMÓRIAS.
FOTOGRAFE.



Viajar amplia muito os horizontes de quem está disposto a abraçar as diferenças e a enxergar o novo. E a união entre viagem e fotografia não poderia ser mais perfeita. As fotos não só permitem que a gente relembre por onde passamos depois. Elas mudam a forma como vivemos a própria viagem. Pois, ao buscar o que clicar em um novo lugar que visitamos, passamos a olhar mais atentamente ao nosso redor, ficamos mais atentos às sensações, aos movimentos, aos elementos.

Passamos a ter mais calma. Não dá pra passar correndo por pontos turísticos se queremos fotografá-los bem. Paramos a cada curva da estrada. E é assim que a foto revaloriza uma viagem, não só no seu futuro, mas também no seu presente.

É por isso que as expedições fotográficas da Sala de Fotografia são diferentes de qualquer viagem. Elas são preparadas para realizar uma verdadeira imersão na arte de fotografar. Os guias são exclusivos, e programamos sempre os melhores horários para registrar os ângulos das viagens. Na contramão dos turistas, não temos pressa, e paramos em cada lugar para contemplar e clicar.

Nossos passeios procuram a sensibilização do olhar, o amadurecimento técnico, o desenvolvimento de uma expressão fotográfica pessoal e, ainda, a possibilidade de fazer novos amigos. A prova maior de que promovemos a união nestas viagens são os reencontros das amizades que perduram para muito além do último quilômetro percorrido.

As viagens são encontros de apaixonados pela fotografia. Os destinos sempre proporcionam registros fotográficos relacionados com a natureza, o homem e seu patrimônio histórico cultural. Em todas as viagens, damos dicas valiosas sobre como tirar melhores fotos e solucionando dúvidas sobre o equipamento.

A educação do olhar também é uma preocupação constante, por isso, os festivais de fotografia entram no roteiro das expedições fotográficas da Sala de Fotografia. Unir viagem a um festival que traz pertinentes observações pode transformar esta experiência em um divisor de águas para os interessados em aperfeiçoar não só a sua fotografia, mas o seu entendimento sobre o tema. Mas que fique claro: em nossas viagens aos festivais de fotografia, não participamos apenas das palestras. Aproveitamos sabiamente o tempo a nosso favor, conciliando a visita a todos os pontos turísticos com as atividades propostas pelo festival.

Correlacionando diversos saberes e fazeres, expandimos as próprias fronteiras da arte, pois assim ela serve como trampolim, como gatilho disparador para pensarmos e questionarmos outras coisas, seja o nosso cotidiano, nosso passado ou até o nosso futuro.

exposição fotográfica

Poética das Linhas

por Liliane Giordano



por Liliane Giordano

Sempre me chamou a atenção a linha do horizonte, ela foi uma referência constante de certeza em um mundo caótico. Desde a minha infância, as paisagens que conheci continuamente foram de panoramas com horizontes bem definidos. Os primeiros anos de minha vida ecoam na memória como os amplos espaços abertos da plana cidade de Esmeralda/RS. Ali, eu observava o Sol nascer e se pôr, em sua trajetória bem demarcada pelas linhas do leste e do oeste.

Mais tarde, outras linhas do mundo capturaram a atenção dos meus olhos. A Patagônia, com seu horizonte que, de repente, se expande em enormes montanhas, me mostrou o quão pequenos nós, seres humanos, somos.

Baseada nessas influências tão marcantes, tanto para a minha vida quanto para o meu olhar fotográfico, surge a exposição “Poética das Linhas”. Mais do que dividir as minhas sensações perante a natureza, divido as perspectivas de visão geométrica, que também se referem a postura lógica que procuro alinhar no meu cotidiano.







aprendemos nos livros de fotografia

“A SELFIE INTRODUZ UMA MUDANÇA SUBSTANCIAL,
POIS TRANSFORMA A ATÁVICA CONCEPÇÃO DA FOTOGRAFIA
DE UM ‘ISTO ACONTECEU’
PARA UM ‘EU ESTAVA ALI’.”

Joan FONTCUBERTA

curadoria - exposições fotográficas

Singular

por Rubia Villa

Rubia Villa exibiu no mês de março de 2018 suas fotos na Justiça do Trabalho de Caxias do Sul. A curadoria foi de Liliane Giordano, da Sala de Fotografia. Confira o texto de conceituação da exposição e algumas das imagens de Rubia.



*“Não é a raça que cria o racismo.
É o inverso: é o racismo que inventa a raça.
Do meu ponto de vista, a maior agressão do racismo
é anular a individualidade da pessoa,
transformá-las em um “branco” ou um “negro”.
O racismo vê raças naquilo
que deviam ser pessoas singulares.”
(Mia Couto – escritor moçambicano)**

A exposição Singular, de Rubia Villa, traz até nós uma narrativa visual capitaneada por um personagem. Ele representa uma cena que reflete a trajetória de milhares de um povo que tenta até hoje reconstruir sua identidade tão fragmentada devido ao contexto histórico. Identidade esta que é mesmo sempre tão mutável, independente de este ou aquele pertencimento a uma raça, ou local, ou país, ou qualquer sentido que criamos para a nossa existência. Mas que se torna um conceito ainda mais frágil quando prescinde de liberdade e comporta tantos estigmas sociais como o povo negro no Brasil.

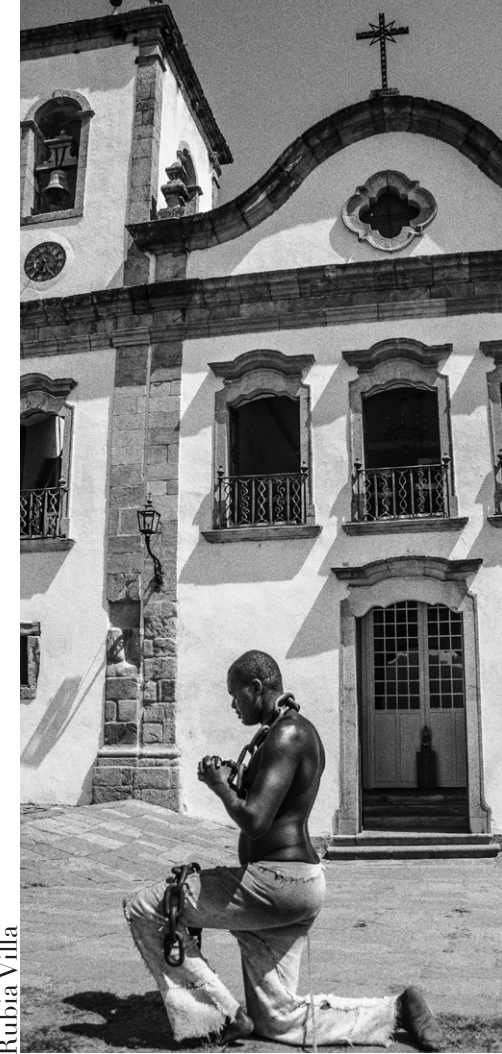
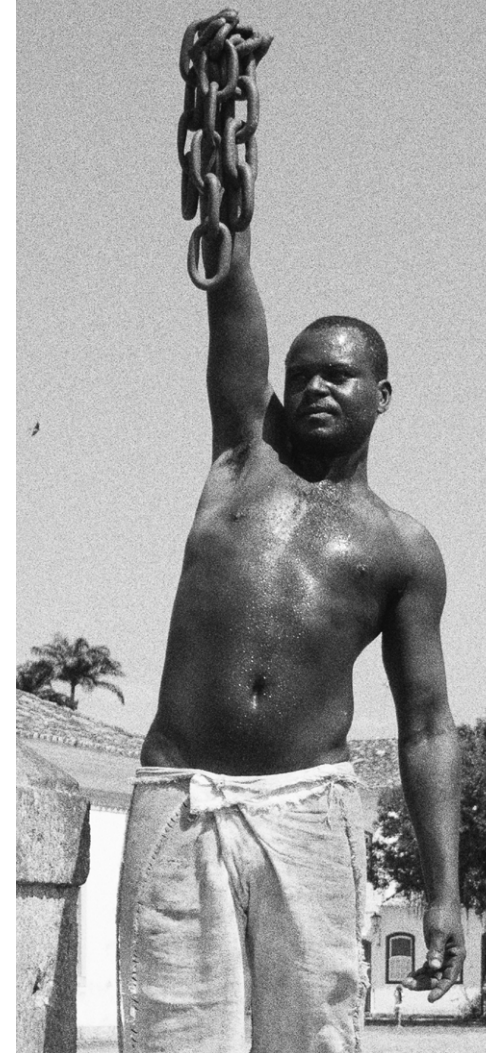
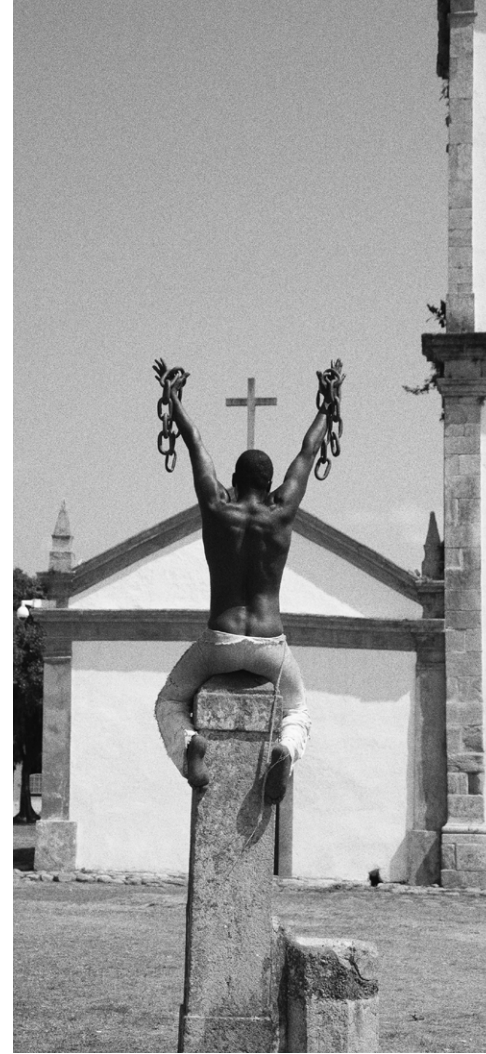
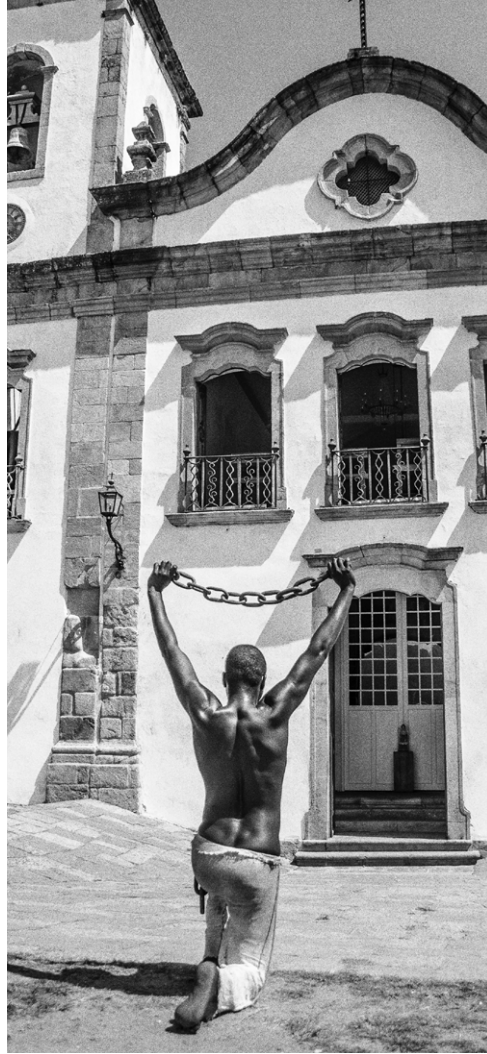
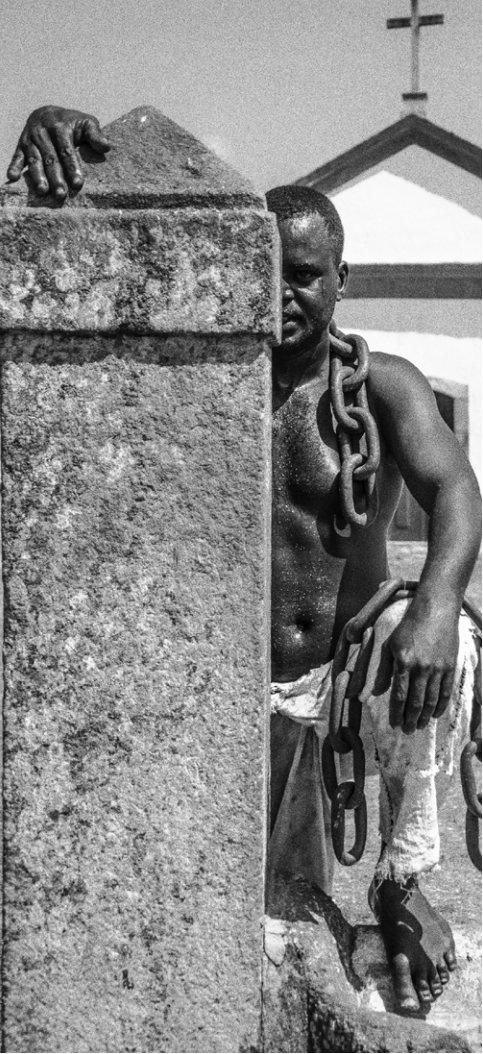
Rubia Villa, que assina esta exposição, é uma fotógrafa entusiasta, que conserva o frescor da profissão e a paixão pela arte. É uma artista de muitas causas, e assim tem produzido imagens que deixam transparecer as suas convicções, como estas que compõem a exposição Singular.

As fortes cenas capturadas por Rubia neste século, fruto de um personagem, denotam o quanto a realidade deve ter sido ainda mais dura do que contemplamos aqui. E assim explicitam o quanto nenhuma compensação pode ser capaz de reparar esta trajetória histórica. Trajetória esta, contudo, que jamais deve ser esquecida. O que deve ser apagado de nossa mente é o conceito de raça, que acaba por criar o racismo, como muito bem sugere Mia Couto. Devemos para sempre lembrar que por trás desses grilhões que prendem um escravo bate sempre um mesmo coração, seja de um negro, seja de um gladiador na Roma Antiga. Somos todos de uma única raça apenas, a raça humana, cujo grito mais forte sempre será o de liberdade.

curadoria Liliane Giordano

*Extraído de entrevista da edição de número 508 da Revista Planeta, de 01.04.2015.
Disponível em <https://www.revistaplaneta.com.br/mia-couto-e-o-racismo-que-inventa-a-raça/>





Rubia Villa

aprendemos nos livros de fotografia

“MUITOS SE SENTEM NERVOSOS QUANDO VÃO SER FOTOGRAFADOS: NÃO PORQUE RECEIEM, COMO OS PRIMITIVOS, SER VIOLADOS, MAS PORQUE TEMEM A DESAPROVAÇÃO DA CÂMERA. AS PESSOAS QUEREM A IMAGEM IDEALIZADA: UMA FOTO QUE AS MOSTRE COM A MELHOR APARÊNCIA POSSÍVEL. SENTEM-SE REPREENDIDAS QUANDO A CÂMERA NÃO DEVOLVE UMA IMAGEM MAIS ATRAENTE DO QUE ELAS SÃO NA REALIDADE. MAS POUCOS TÊM A SORTE DE SER FOTOGÊNICOS – OU SEJA, PARECER MELHOR NAS FOTOS (MESMO QUANDO NÃO SÃO MAQUIADOS OU BENEFICIADOS PELA LUZ) DO QUE NA VIDA REAL. A CIRCUNSTÂNCIA DE AS FOTOS SEREM MUITAS VEZES ELOGIADAS POR SUA ESPONTANEIDADE, POR SUA HONESTIDADE, INDICA QUE A MAIORIA DAS FOTOS, É CLARO, NÃO É ESPONTÂNEA.”

Susan SONTAG

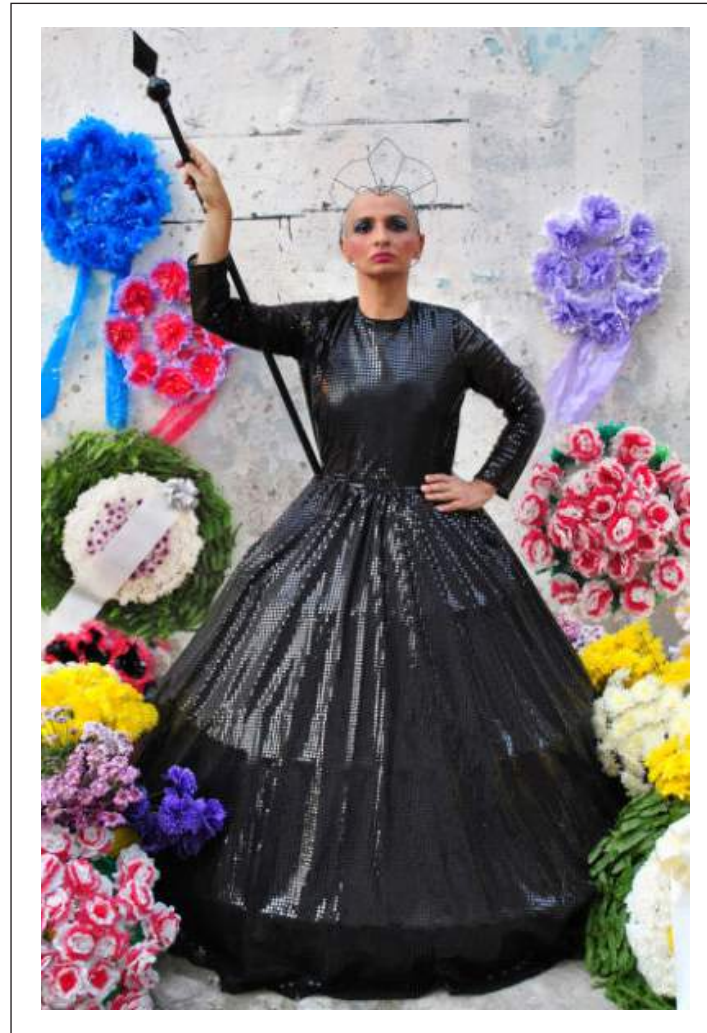
artistas que todo fotógrafo deve conhecer

artista Berna Reale



Informação, inspiração e muita força de vontade. É assim que surgem os incríveis trabalhos artísticos de Berna Reale. A artista visual paraense, por meio do uso de seu corpo, faz intervenções e instalações muito realistas, baseadas em códigos simples, para criticar a sociedade que vivemos, seja a banalização da violência, seja os políticos que navegam acima do lodo em um rio de imunidade. Ela esteve em Caxias do Sul em março a convite da universidade (UCS), e falou sobre “Processo criativo: a importância dos erros”.

Durante sua fala, Berna mostrou os seus trabalhos, de uma forma inusitada: explicou como foi se desenvolvendo cada ideia, mostrando o que deu certo e o que deu errado. Desta forma, humanizou o seu processo, mostrando que mesmo gênios artísticos inspirados também precisam batalhar - e muito - para concretizar um projeto.



Berna Reale

Não poderia ter sido mais inspirador para a plateia lotada de alunos do Campus 8, o campus das artes da Universidade de Caxias do Sul. Afinal, ao demonstrar que nada é fácil nem para ela, que já é uma artista consagrada, seja em termos financeiros, seja em termos de execução, fica claro que nenhuma ideia nasce pronta, mas que com determinação de superar obstáculos e sobrepular os erros, é possível sim realizar grandes feitos.

“Nós artistas somos muito orgulhosos, a gente mostra só o que já deu certo, o que já vendeu. Mas abrir o processo criativo é muito importante”. Berna Reale

Assim Berna foi narrando a sua carreira. Um dos trabalhos mostrados foi uma intervenção em frente ao Mercado Ver o Peso, no Pará. Ela deitou em cima de uma maca, nua, e colocou pedaços de carne em cima de seu corpo, esperando que os urubus viessem buscar o alimento. O resultado é uma foto impressionante, de seu corpo rodeado de aves carniceiras. Berna contou que sempre faz muitos testes antes de uma intervenção, já que, trabalhando sempre no limite do dinheiro, não pode se dar ao luxo de refazer produções. Neste dos urubus, ela ficou com medo que as aves não viessem, e assim mandou empalhar dois deles que encontrou mortos para simular na intervenção, se fosse necessário. A artista sempre avisa as autoridades de todos os passos de seus projetos antes da execução. Neste caso, tudo

deu errado: o Ibama não autorizou a utilização dos espécimes empalhados, alegando que era crime ambiental. Berna enfrentou um processo de nove anos na justiça, até ser inocentada. Mesmo assim, ela fez a performance artística, e a cena correu naturalmente, sem a necessidade das aves empalhadas.

Muitos de seus trabalhos também brincam entre a ironia e o surreal. Em um deles, ela conduz uma biga puxada por porcos em meio a uma favela, mostrando uma relação do que é a política brasileira. Em outro, rema em uma canoa por um canal de esgoto, e esta canoa está infestada de ratos brancos, representando os crimes de colarinho branco com os roedores, enquanto os políticos se mantêm imunes no rio de lodo pelo qual navegam. Ainda, há um trabalho que representa a morte, mas está vestida como se fosse uma porta-bandeira de escola de samba, representando de uma forma irônica a banalização da violência, como se todas as mortes fossem uma festa de carnaval, e não uma tragédia.

Em um de seus trabalhos mais emblemáticos, ela estendeu um tapete vermelho por cima de um lixão, e dançou a famosa música “Dançando na Chuva”, vestida de dourado, com uma máscara anti-gás no rosto, simbolizando o país absurdo no qual vivemos, no qual o luxo sapateia em cima dos outros.

Outros trabalhos são mais dramáticos. Há uma intervenção na qual pintou um cavalo



Berna Reale

da polícia de vermelho, e Berna desfilou com ele pelas ruas com uma armação de metal ao redor da boca, simbolizando a extrema violência da polícia montada. Em outro, completamente nua, ela se deixou amarrar por pulsos e tornozelos, e foi assim carregada pelas ruas, por homens com roupas de açougueiro, que a retiravam e a colocavam em um caminhão frigorífico, chocando a população das ruas pelas quais passava, pois parecia realmente uma carne morta. Ou ainda uma intervenção numa fábrica na qual enxugava gelo, o que causa uma agonia no espectador por ser um trabalho inesgotável, representando mulheres e transexuais que lutam uma luta sem fim para tentar ser igual em um país em que todos acreditam que precisam se adequar aos padrões.

Em todos esses exemplos, e muitos outros, Berna explicou o seu processo, e foi dizendo o que deu errado, o que precisou ser refeito, e qual foi o resultado final. Seus trabalhos são sempre intervenções na realidade, nas ruas, favelas, presídios, e ela utiliza a fotografia e o vídeo apenas como uma forma de registro. Sendo assim, ela sempre executa seus trabalhos nas ruas, pois a interessa essa interação e reação

das pessoas que não estão acostumadas à arte, e que estranham esses movimentos.

A artista paraense falou ainda sobre a educação e a academia no processo criativo. Berna é formada em artes pela Universidade Federal do Pará, mas também é perita criminal no Pará – e esta vivência lhe trouxe muita experiência de vida que transparece em sua arte e em suas críticas à sociedade. Durante a palestra, ela explicou que para cada nova ideia, escreve um projeto, e estuda muito sobre o tema, sobretudo os símbolos semióticos a qual está ligada a sua proposta. Mas este estudo não é formal: pesquisa em livros, revistas, mas também está atenta às conversas e opiniões das pessoas ao seu redor.

“Só sou organizada na produção, no restante sou caótica. Meu trabalho não é sistematizado. Tudo vai te trazer pra ideia que você está pensando, cada livro, cada revista, cada conversa te leva para essa ideia”. (Berna Reale)

Mesmo ressaltando a importância do estudo, Berna alertou para o fato de que a universidade, os cursos formais, podem tentar formatar o artista dentro de certas normas, o que acaba sendo perigoso para a criação.

“Já sofri críticas de que meu trabalho é muito simples. Mas não me interessam símbolos complicados. Sempre faço nas ruas, e só depois exibo nas galerias, nunca faço nada dentro das galerias. Pois as pessoas que estão dentro destes espaços expositivos já têm os códigos pra entender aquela arte. Na rua, as pessoas são espontâneas. Quero que a pessoa comum tente entender, e quero essa reação espontânea”. Berna Reale



Berna Reale

“A academia pode enquadrar e bloquear. Ela lhe formata se você não toma cuidado. A formatação é contra a criação. Fuja da universidade depois de determinado estágio se você quer ser artista. Em um certo ponto, a criação e a educação se unem para lhe dar a base, a academia é importante para te dar a formação, e até para você entender que não está reiventando a roda, muitos já tiveram ideias como as suas antes. Assim você não acha que está fazendo algo completamente novo”. Berna Reale

Quando questionada sobre a importância do curador, a artista explicou que acredita que este profissional, por ver centenas de trabalhos de artistas diferentes, acaba por te ajudar a caminhar melhor. E é ele que legitima seu trabalho, abre portas para espaços expositivos. Berna explicou que nunca soube direito o valor de seu trabalho, sempre costumava dar suas

Berna Reale



“Acho que este é um dos objetivos da arte. É poder falar por meio dela dos absurdos da vida”. Berna Reale

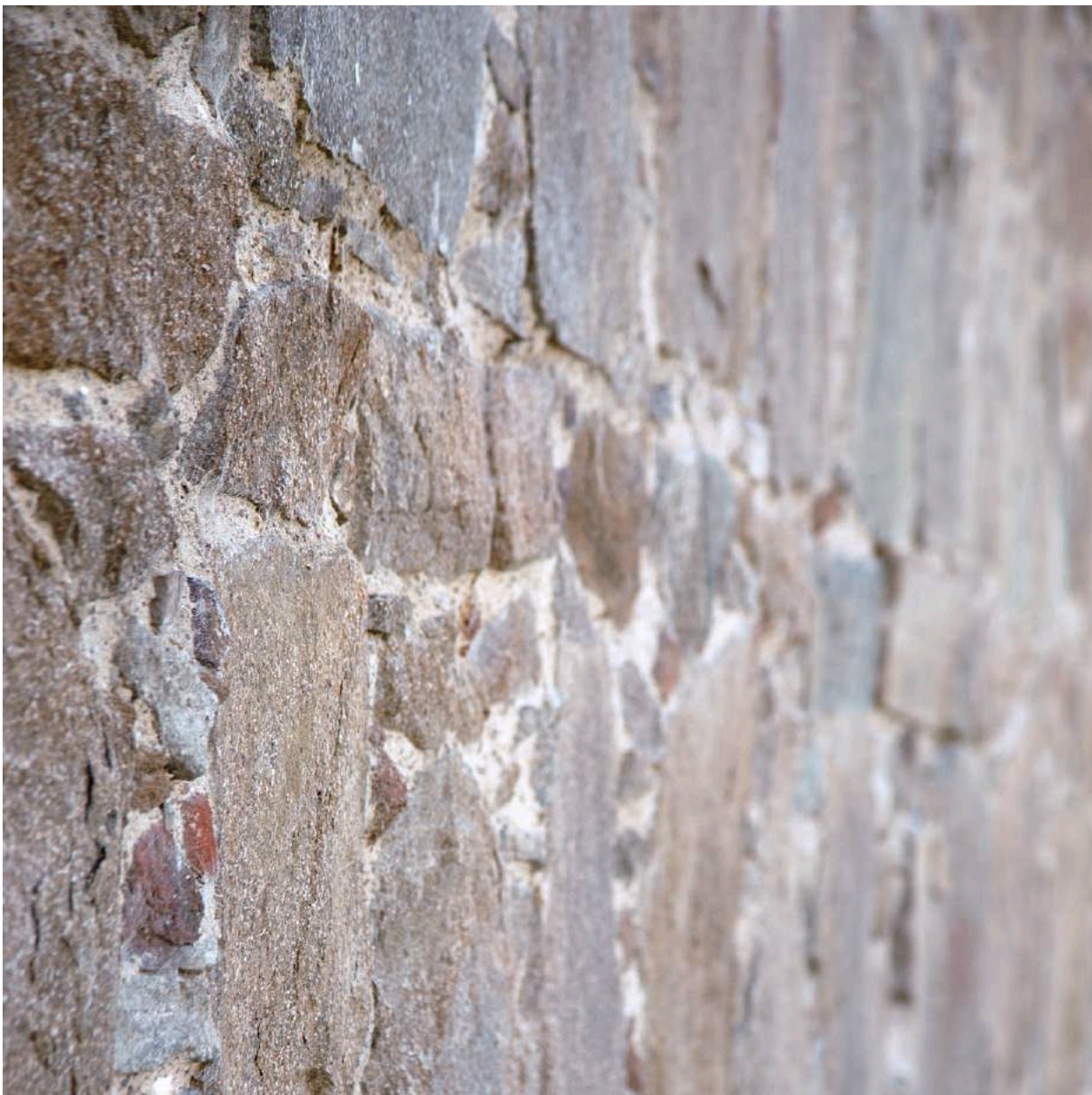
obras, até que começou a ser convidada por galerias para vender. E assim foi errando e se adaptando também a este mundo.

“O acontecimento de seu trabalho sempre tem que ser o mais importante. O legal é arranjar canoa, correr atrás da compra dos ratos. Quando o dinheiro vem à frente, aí é que as coisas começam a desandar.” Berna Reale

Para ilustrar o que estava falando, Berna contou uma história de quando, durante a montagem de uma exposição sua, um montador lhe disse que seu sonho era ter uma dessas obras um dia em sua casa. Ao final do período da exposição, ela pediu a ele que escolhesse qual delas queria para levar embora.

“A alegria dele ao poder escolher uma obra minha para levar para casa tinha que valer mais do que o dinheiro que fiz com as vendas das obras na exposição”. Berna Reale

Ter Berna Reale em Caxias do Sul foi, de fato, um privilégio para a plateia de mais de 500 pessoas que a aplaudiram de pé no auditório. A artista inspirou não só os alunos, mas qualquer pessoa que olhe o seu trabalho e entenda a perseverança que é necessária para se destacar na arte no Brasil. Palestras como esta nos engrandecem como pessoas, como cidade, e trazem inspiração, paixão e cor ao dias cinzentos do clima caxiense.



análise - congressos de fotografia

Go Image on Stage 2018



Saiba quem você é, conheça-se, deixe a sua verdade transparecer na sua foto, porque a imagem grita a mentira. Mas não deixe de olhar para os lados. Saiba para onde vai o mercado, as novas tecnologias. Saiba das novas tendências na fotografia. Mas não se esqueça do clássico, que vale eternamente. Invista nas redes sociais, aprenda sobre neuromarketing para entrar na cabeça do consumidor, mas fique atento ao boca a boca, que ainda vale muito. Ou seja: tenha equilíbrio. Foi isso que aprendemos de mais importante nos dois dias de congresso Go Image on Stage 2018.

Nesta segunda edição, o evento promovido pelo laboratório fotográfico Go Image, que ocorreu nos dias 15 e 16 de maio, no Intercity Hotel em Caxias do Sul, trouxe uma diversidade muito maior de assuntos. Explorou, assim, as várias facetas que um fotógrafo assume: desde como melhorar seus cliques, ou aprender mais sobre marketing, passando pela pós-produção e gerenciando o processo de trabalho.

Confira os pontos mais importantes das palestras que assistimos nestes dias de imersão fotográfica.



Portfólio

As duas primeiras palestras do congresso trouxeram fotógrafos que exibiram seu trabalho, explicando como se constituíram as suas trajetórias. Daniel Freitas, que abriu o evento, foi aplaudido de pé por mostrar uma fotografia de família sensível e espontânea. Com o título “Não é apenas sobre fotografia”, Daniel mostrou o quanto é importante se conectar com seu cliente. Em seu projeto, ele passa 24 horas na casa de uma família, retratando todos os momentos. Mas, às vezes, os momentos de maior conexão surgem quando a câmera não está na mão, e que depois se refletem nas fotos que ainda vão ser registradas. O

fotógrafo mineiro apresentou ensaios emocionantes, como quando registrou o avô de uma fotógrafa aqui na Serra Gaúcha. Para ele, esta conexão e a emoção de fotografar contam muito no processo e, por isso, quando questionado por um colega se ele não cansa ao ter que ficar um dia todo com uma família, ele responde que quando se faz o que se ama, não se quer que aquilo acabe.

Daniel mostrou a sua carreira na fotografia, mesmo não inserindo referências externas – ele até falou sobre o conceito de momento decisivo, o que nos lembra Cartier-Bresson. Ele trouxe sensibilidade e emoção à plateia, mostrando retratos genuínos de família. Mostrou, inclusive, uma

versão romantizada da profissão fotógrafo, exibindo o lado bom da carreira: momentos emocionantes e clientes abertos ao novo. Mesmo quando se ama a profissão, momentos difíceis virão. Mas Daniel cumpriu o seu papel de deixar o público com tesão pela fotografia, lembrando-o do quanto a profissão pode ser bonita, importante e feita com prazer, para além das dificuldades extremas do mercado.

O segundo palestrante da tarde, Fabricio Garcia, seguiu pelo mesmo caminho de exibir a sua carreira com o tema “A arte de viver da fotografia sensual”. O fotógrafo exibiu suas fotos criativas de poses sensuais para mulheres, e deu dicas valiosas ao público de como seguir neste nicho da fotografia. Por exemplo, ele reforçou a importância de fazer fotos de detalhes pra poder

publicar, onde não apareça o rosto da modelo. Afinal, nem sempre ela dá autorização para postar suas fotos sensuais na internet. Fabricio explicou que fotos assim até fazem mais sucesso, porque a mulher que está vendo se imagina naquele corpo sem rosto. O fotógrafo também ressaltou a importância de ter um portfólio de locações para a cliente escolher onde quer ser fotografada. Em sua experiência, as clientes preferem não ser fotografadas em suas residências.

Diferentemente da fotógrafa caxiense Thaynne Andrade, que desenvolveu um projeto fotográfico chamado de “Eu linda Aqui”. Nele, ela retrata a sensualidade feminina dentro da casa da cliente, ao mesmo tempo que registra o seu ambiente, o seu quarto, as suas roupas. Assim, a modelo se sente mais à vontade, na sua intimidade.

opinião

Estas diversidades de visões sobre uma fotografia tão afim, tão similar, apenas retrata que, tal como a professora Simonetta Persichetti disse no Congresso Fotografar 2018, há clientes para todo o tipo de fotógrafo e todo o tipo de fotografia. O mais importante é seguir a sua própria verdade, sem deixar clientes ou modismos ditarem todo o seu trabalho. Tal como diz Marcelo Peruzzo, se o aluno quer ensinar o professor, há algo de errado. O que nos conduz à próxima palestra do Congresso Go Image on Stage 2018.

Neuromarketing

Marcelo Peruzzo é doutor, palestrante, professor nas áreas de neuromarketing, neurogestão e marketing digital. Em uma palestra cheia de energia, na qual ele trouxe conceitos teóricos mesclados a exemplos práticos e mesmo piadas, Marcelo conseguiu passar uma boa mensagem aos fotógrafos: é preciso perceber a mente do seu cliente para entendê-lo e assim criar estratégias mais apropriadas.

“Pesquisas indicam que a decisão por impulso e inconsciente ocorre em 2.5 segundos. Esse é o tempo que vocês, fotógrafos, tem de impactar com sua foto. Entender o inconsciente é fundamental. O que cliente fala é diferente do que ele faz, pois o que ele fala é racional e consciente, mas ele age de acordo com seu subconsciente. Não adianta pesquisa, pois ela é racional. O cliente não manda no seu negócio. Se ele diz para fotógrafo o que tem que fazer, está errado. Se você vai para a aula e questiona o professor, então vai dar aula.” Marcelo Peruzzo

Baseado no cientista Richard Dawkins e seu livro “O gene egoísta”, Marcelo explicou o conceito de memes – que não são apenas as figuras que se disseminam rapidamente na internet. Na verdade, meme é qualquer informação que substitua, atualize, ou insira um comportamento na mente humana. Ele rege o nosso comportamento, e é muito difícil de ser substituído, pois está cristalizado em nossa mente. Para quem não tem meme gravado a respeito de um assunto, é mais fácil passar a informação. Por exemplo, é mais difícil vender fotos

a quem sabe muito sobre o tema, pois esta pessoa já tem protetores no cérebro a respeito do assunto. As únicas maneiras de modificar um meme na mente é mexer com o aspecto de segurança ou relativo ao corpo. De acordo com o professor, a base para vender qualquer coisa é esta: mudar o meme baseado em segurança e fisiologia. Assim, se não se adaptar a memética do cliente, não se faz nada. Mas os fotógrafos saem na frente aqui, já que imagem é meme, e ela cristaliza emoções na mente das pessoas.

O palestrante mostrou um vídeo de como as crianças são impactadas pelos memes. Elas podiam escolher o que gostariam para o café da manhã: uma banana com a imagem do Homem Aranha, ou um bolo de chocolate sem figura alguma. Elas escolheram a banana. E chegaram ao ponto de preferirem uma pedra para comer, apenas porque tinha a imagem do Shrek.

Marcelo ainda se inseriu no clipe da música Psy, do coreano Gangnam Style, um dos vídeos mais assistidos do mundo. Mas ninguém da plateia notou sua presença de imediato, pois todos estavam mesmerizados em outras partes da tela. Assim, reforçou o palestrante, quem manda na foto é fotógrafo, não o cliente, porque ele não viu nada além do que o profissional queria. Este clipe, explicou, demonstrando os pontos onde recai o olhar do espectador de acordo com uma pesquisa, é um dos mais sensuais do mundo, mas você não percebe, é sutil. Porque o que é previsível não tem graça.



Baseado em gráficos e outras pesquisas, o palestrante explicou ainda que, para vender algo, é preciso que o cliente esteja insatisfeito e ativo. Por exemplo, uma mulher que vê o book de uma amiga, e ela não tem o seu próprio, e quer resolver essa sua insatisfação. É preciso, então, alterar o estado emocional do cliente para a insatisfação. É provar que a verdade que a pessoa quer para a sua vida, como ela quer aparecer, só você pode colocar no papel. O desejo é consequência, primeiro tem que descobrir a necessidade do cliente. Se não gostou da foto, é porque você não conseguiu captar lá no início a sua insatisfação. Isso tudo, de acordo com Marcelo, é biológico: tem uma dor que é uma insatisfação, tem o remédio, cura - fica feliz, não cura - fica triste. Baseado na neurociência, Marcelo afirmou que gostar ou não de uma foto já não é mais subjetivo. É possível saber que uma pessoa só olhou por 2 segundos para uma foto, enquanto só se atinge a excitação máxima com essa imagem em 4 segundos, por exemplo.

“Os fotógrafos são os gênios mágicos que trazem as emoções para o planeta Terra. E precisam fazer isso cada vez mais. Vocês não têm noção do quanto são responsáveis pelo mundo. Cada foto é forma única de representar a emoção humana.” Marcelo Peruzzo

Para concluir sua palestra, Marcelo ainda contou que, além de neurociência, ele se dedica a estudar para encontrar uma cura para uma doença genética que pode deixar a sua filha de 11 anos cega. Enquanto isso, ele está tentando mostrar a ela o máximo de lugares no mundo para, se um dia ela perder a visão, ela poder fechar os olhos e ter acesso a essas lembranças. E fez a plateia chorar ao exibir um vídeo da reação de sua filha ao descobrir que iria para Paris, tal como pedira ao pai. Sem dúvida, Marcelo atingiu a nossa



emoção neste momento, alterando nosso meme, e desta forma não esqueceremos tão cedo desta palestra.

Fôlego

A terça-feira do Congresso Go Image on Stage 2018 trouxe ainda mais duas palestras. Luciene Pestana, que é brasileira mas mora nos Estados Unidos, palestrou sobre o seu sistema de vendas, chamado “IPS – In Person Sales”. Neste modelo, ela escolhe até 30 fotos de uma sessão, e vai até a casa do cliente mostrar pessoalmente. Ela também oferece produtos, não apenas a foto digital. Este produto é pago como um valor a parte do serviço. Ou seja, ela primeiramente cobra uma taxa de sessão, que inclui tempo e criatividade do fotógrafo. E depois vai cobrando separado os produtos, de acordo com o que o cliente escolher.

Aqui na Sala de Fotografia já trabalhamos com esse sistema de cobrar apenas a taxa de sessão, e depois agregar valor ao serviço com a venda da fotografia impressa, quase que exclusivamente nos fotolivros. Assim, há uma valorização do trabalho entregue, já que os álbuns contam histórias, criam uma narrativa. As montagens, então, tornam-se uma pequena coleção de imagens, nas quais delicadeza e harmonia combinam-se com fluidez.

A última palestra do dia ficou a cargo da Alboom, plataforma de sites para fotógrafos, que fez uma análise do que consiste a profissão fotógrafo. Por fim, a festa de happy hour encerrou o primeiro dia do congresso.

Segundo dia

A quarta-feira do Congresso iniciou com Marcio Prestes, que em sua palestra falou sobre “Acelere a sua pós-produção e tenha tempo para você”. O palestrante explicou o quanto é importante determinar o tempo de dedicação e serviço do fluxo de trabalho do fotógrafo.

Logo em seguida, Luana Santos trouxe a única palestra sobre newborn do evento, falando sobre composição e luz neste tipo de fotografia. A fotógrafa relatou que não queria mais que olhassem para sua foto e achassem apenas uma gracinha, queria sentimentos de verdade. Por isso, procurou nas fotos com a sua avó, que sempre foi a sua inspiração, uma paleta de cores para utilizar nas suas fotografias. Luana também trouxe referências de fotógrafos, como Julie Thies e Tarcísio Bino, explicando que se inspira em diversas áreas, inclusive em pintores famosos. Por fim, em uma parte mais prática, ela deu detalhes sobre os equipamentos de iluminação que utiliza em seu estúdio.

Mercado

O editor-chefe da revista Fhox Léo Saldanha trouxe em sua palestra “Tendências, ameaças e oportunidades” aspectos práticos sobre o mercado fotográfico, tanto em relação a novas tecnologias, quanto em relação ao marketing. Em um discurso muito ponderado e instrutivo, Léo explicou a importância de estar atualizado e de estudar o tempo todo, mas não esqueceu de ressaltar que o clássico ainda vale, seja na hora de fotografar, seja

na hora do marketing boca a boca.

“Apenas 20% por cento do trabalho de um fotógrafo é clique, o resto é gerenciamento, marketing, novidades. O mercado está em transformação o tempo todo. É preciso estudar sempre, porque o mercado se transforma, o próprio Instagram lança algo novo a cada duas semanas. Pode sim construir coisas novas, mas tem que estar de olho no mercado, porque senão você se perde no caminho. É fácil chegar aqui no congresso e dizer para vocês não seguirem tendências, pois isso significa que está seguindo alguém e não fazendo algo genuinamente próprio. Mas na prática não é bem assim, é preciso estar atento ao que acontece.” (Léo Saldanha)

O palestrante ressaltou que, em eventos internacionais de fotografia, ele viu que neste momento há uma diminuição da fotografia de casamento e newborn – que aqueciam o mercado nos últimos anos. A tendência agora é o aumento da fotografia de retrato e autoral. Além disso, outro ponto forte é a inteligência artificial. Segundo Léo, no futuro, não vai mais se questionar sobre o ISO da câmera, mas sim sobre o seu QI, pois ela vai ser capaz de aprender de acordo com o uso.

“O que está acontecendo no mercado são muitas receitas prontas. Mas será que estamos fazendo as perguntas certas? Se o robô for capaz de fotografar, ainda vai ser necessário que você faça a parte criativa da fotografia. Os preços vão cair cada vez mais. Se preparem! Não sou presunçoso em dizer que sei qual é a resposta, cada um vai ter que encontrar a sua.” (Léo Saldanha)

Léo arrisca um palpite de possíveis caminhos a trilhar.





“Para onde vai a fotografia? A natalidade está caindo, menos bebês, mais formaturas.

Casamentos e festas de aniversário em transformação. Formatura é um nicho com muita oportunidade e péssima qualidade no Brasil. Muitos fotógrafos de casamento estão indo agora para formatura, eles fotografam muito bem. Como vai justificar fotos de casamento cada vez mais caras, enquanto festas têm se tornado cada vez mais simples?” Léo Saldanha

Ele ainda trouxe diversos exemplos de fotógrafos que estão fazendo coisas diferentes para se sobressair no mercado, se destacando em meio a forte concorrência, desde alguém que fotografa debaixo d'água, até quem mostra como transformou um ambiente comum em uma foto espetacular. Redes sociais vendem, ser notícia em veículos de imprensa ajuda no trabalho de venda do fotógrafo, mas o boca a boca ainda corresponde a 80% das vendas, informa o editor-chefe da Fhox.

“Não se pode esquecer da força do clássico, do tradicional. O clássico é atemporal, tem força independente do momento. Posso falar de tendência e tecnologia, mas clássico tem sua importância. Respeite sua identidade, saiba quem você é. Pergunte a si mesmo: sou um fotógrafo mais clássico ou mais moderno?” Léo Saldanha

Além disso, Léo reforçou a importância de imprimir fotos. Quando tudo está muito virtual, o que pode ser tocado ganha força como uma

experiência. Inclusive, ter um estúdio próprio confere credibilidade ao negócio.

“Se parar de imprimir, não vai mais ter mercado da fotografia. Para valorizar, precisa que foto seja impressa, é o que justifica. São os fotógrafos os agentes da venda do papel, vocês chegam nas famílias e mostram a importância da memória.” (Léo Saldanha)

Para finalizar, Léo trouxe diversas dicas de livros para a plateia. Baseado nestes livros, ele ressaltou que a gente aprende errando. Sendo assim, ele acredita que o mercado fotográfico precisa mostrar mais os erros, já que é difícil eventos como congressos mostrarem os fracassos. Concordamos com Léo neste ponto. Por mais motivador que seja quando um palestrante exibe uma trajetória de sucesso, demonstrando como ele ama o que faz, também há de se compreender a realidade e a importância do esforço e da persistência neste mercado tão competitivo e em transformação como o da fotografia.

Últimas palestras

Junior Luz iniciou as palestras da tarde do congresso, falando sobre “Criatividade no mercado”. O fotógrafo produz imagens autorais cheias de surrealismo, inserindo seus personagens em uma super produção. Ele contou sobre sua trajetória e a forma criativa com a qual faz os seus retratos. Junior também foi aplaudido de pé. Ao final, ele divulgou seu workshop – e esta é uma tendência que temos vistos em muitos fotógrafos que utilizam da sua expertise para ampliar seu leque de atuação.

Logo depois, o português Sérgio Nogueira falou sobre “Pós-produção: dê força à sua mensagem”. Em uma ótima palestra, ele explicou aspectos práticos do Lightroom, dando dicas e trazendo conceitos importantes sobre edição.

“A pós-produção é atemporal, independente de programa. Temos esse conceito que antigamente os fotógrafos eram bons porque não existia Photoshop. Mas eles também tinham técnicas





de pós-produção. Acredito que 50% é feito na hora de fotografar, os outros 50% de uma imagem cabem à edição. Todas as fotos têm coisas a serem melhoradas, sem exceção. Por melhor que seja minha pós-produção, nunca vou ter uma foto boa se não fizer bem os 50% iniciais.” (Sérgio Nogueira)

Sérgio ainda trouxe muitas dicas para serem pensadas antes mesmo de começar a edição das fotos.

“Ao fotografar, faça fotometria nas altas luzes, faça balanço de branco personalizado. Cuidado com modismos, a foto pode ser atemporal. Nosso trabalho não é só pra hoje, é pra noivos, filhos e netos. Use presets - mas não fique refém deles, porque pode ficar carnaval. Calibre a sua tela. Em uma série de fotos, todas as imagens precisam seguir um mesmo padrão de cor. Não estou falando do que é bonito ou feio, mas de ser sempre uma mesma linguagem.” (Sérgio Nogueira)

Após Sérgio, o Focare estúdio emendou o tema que fugiu dos cliques de um fotógrafo, e se aprofundou no fluxo de trabalho, explicando como eles se organizam para manter a sua produção funcionando com o menor tempo possível.

Magnum e poesia

Outra palestra que foi aplaudida de pé no congresso foi a de Roberta Tavares e Dan Immel, membros da Magnum Caravan Brasil - extensão do programa educacional e cultural da agência Magnum Photos em diferentes cidades brasileiras. A dupla trouxe a Caxias do Sul a palestra que vimos na Feira Fotografar, em São Paulo, em março de 2018.

“Um conselho pra fotógrafos emergentes da Magnum seria: o mundo está cheio de boas ideias, mas falta completar estas boas ideias. Isso por causa do medo. E como medo se manifesta? A mente criativa lida com resultados incertos o tempo inteiro. É o post que acha que ninguém vai ver, a exposição que ninguém vai ir. O cérebro é o maior sabotador de ideias, sempre te apontando os impossíveis. Ele pensa: vou ser ridicularizado, não sou bom o bastante, todos já fizeram melhor, minha ideia não faz diferença na vida de ninguém. Tenho medo porque vão rir de mim, sou novo demais, ou sou velho demais, minhas ideias nunca deram certo, por que vão dar certo agora? Você precisa mudar esta relação com o medo. A gente sempre tenta vencer o medo. Mas o medo e o tempo nunca vamos vencer, são batalhas perdidas. Então você muda, e vê medo como passageiro criativo necessário. Quando você ver ele, diga: medo, você vai entrar na minha festa. Sou agradecida por me mostrar tudo, por querer me proteger. Mas você não tem voz, vai sentar e ficar caladinho. E eu sei que você vai querer gritar, mas eu e a criatividade não vamos estar ouvindo. Mesmo que os convidados não venham, mesmo que tudo dê errado, teremos o prazer de chegar até aqui. Pelo menos nos divertimos.” Roberta Tavares




Por fim, para encerrar o congresso, Rafael Benevides trouxe uma palestra cheia de meditação, poesia e música. Entre recitação de poesias, músicas que ele tocou e cantou ao violão, o fotógrafo narrou a sua trajetória. Contou que acreditava que quando tivesse a luz perfeita, uma ótima composição e uma direção incrível, suas fotos seriam o máximo. Mas quando alcançou estes elementos, não se sentiu satisfeito, e por isso foi estudar para entender as imagens. Aprendeu a ler fotografias, e não apenas a observar. Agora, ele só fotografa casais reais, e ouve por horas suas histórias antes de entrar em estúdio. Nestes diálogos, traz à tona histórias da infância, do passado, presente e futuro.

“Posso impregnar minhas fotos de coisas não efêmeras e transformadoras para as pessoas. Não é luz, não é composição, não é a fotografia. O que importa realmente são as pessoas. Você fotografa vida real? Pois, como diz o poeta, rir de tudo é desespero. Vida real é mais que momentos felizes. Somos feitos de tudo que recebemos, e também das lacunas, do que não recebemos. Você precisa chegar perto das pessoas, no sentido de envolvimento.” Rafael Benevides

Rafael foi embalando a plateia, falando devagar, fazendo exercícios de meditação, mesclados a vídeos emocionantes que produziu a partir de suas fotografias.

“O que antes era rotina, agora é saudade. Nós fotógrafos precisamos adivinhar do que as pessoas vão sentir falta no futuro, pra registrar isso no presente. Minha fotografia é uma máquina do tempo. Na busca do autoral, precisamos nos conectar com coisas que ficaram pra trás. E essa busca pode ser muito feliz. Porque quando a gente é criança a gente já sabe que é único, antes das pressões sociais que nos dizem que temos que ser bons, melhores, famosos, mais likes. Minha foto percorre esses caminhos, que é máquina do tempo, vai pro passado, também avança pro futuro e pro presente.” Rafael Benevides



opinião

Depois de palestras para tirar a plateia da zona de conforto, como mostrar a real do mercado, deixando a todos ansiosos pra tudo que precisamos saber, ou ainda depois da densidade das lições da Magnum, ou como precisamos aprender sobre neuromarketing, tivemos o bálsamo de Rafael Benevides pra nos reconectar. Foi um encerramento que veio para trazer poesia e música mais que conhecimentos tangíveis sobre a fotografia, em um formato inusitado, pra acalmar, pra lembrar que as coisas desimportantes também importam. Pra meditar, pra nos lembrarmos da nossa infância, onde o tempo era diferente e onde não tínhamos ansiedade, pra

nos lembrar de sonharmos com simplicidade, muito mais do que apenas produzir para o mercado.

O Congresso Go Image On Stage, neste ano, conseguiu alcançar diversas dimensões do que é ser um fotógrafo. O conteúdo foi de uma quantidade e densidade por vezes atordoante. Talvez, para os próximos anos, possa-se pensar em mais tempo para cada palestra, para não se perder a concentração e ampliar o networking nas pausas em formato de coffee breaks. Detalhes, apenas, em um evento que vem reunindo boa parte da comunidade da fotografia gaúcha.

aprendemos nos livros de fotografia

“NÓS NÃO TESTEMUNHAMOS O
NASCIMENTO DE UMA TÉCNICA, MAS A
TRANSMUTAÇÃO DE ALGUNS VALORES.
NÓS, PORTANTO, NÃO TESTEMUNHAMOS
A INVENÇÃO DE UM PROCEDIMENTO, MAS
A DESINVENÇÃO DE UMA CULTURA: O
DESMANTELAMENTO DA VISUALIDADE QUE
A FOTOGRAFIA SE IMPLANTOU DE MANEIRA
HEGEMÔNICA POR UM SÉCULO E MEIO.”

Joan FONTCUBERTA
Livro “La fúria de las imágenes”

concepção

Liliane Giordano

Arte em roupa



LILIANE
GIORDANO
ARTE EM ROUPA

Uma pequena coleção desenvolvida especialmente com uma série definida de fotografias, que conversam entre si a partir do orgânico e o concreto, mesclando o que é da natureza à construção humana. Assim é a linha Liliane Giordano - Arte em roupa. São vestidos, camisetas, moletons, blusas, casacos, sempre com as fotos clicadas por Liliane.

É arte para ser usada, não em uma lógica utilitarista de dar um propósito a ela – arte não precisa de motivo pra existir, ela existe porque a vida não basta, diz Ferreira Gullar. A ideia aqui é o orgulho de vestir a camiseta com arte, atividade essa que é uma característica tão intrinsecamente humana.

O objetivo desta linha é trazer fotografias contemporâneas, conversando com um olhar particular sobre o nosso cotidiano, aliando a beleza com valor. As peças são desenvolvidas em uma empresa preocupada com o meio ambiente e a sustentabilidade.

As roupas da linha garantem exclusividade a quem está vestindo: as peças são numeradas em uma tiragem limitada, e contam com a assinatura de Liliane Giordano.

A fotógrafa radicada em Caxias do Sul reforça assim o seu posicionamento como artista, impulsionando sua carreira com trabalhos autorais. Liliane adota agora seu novo logotipo para imprimir na arte em roupa as características de sua fotografia. O conceito visual é formado por linhas que vão do reto ao curvilíneo, instigando o pensamento fluído e a liberdade de expressão e de espírito.



Parceiros



www.saladefotografia.com

Rua Garibaldi, 789, Sala 177. Edifício Estrela, Caxias do Sul | RS
(54) 3534.8994 | 9.9981.9894 saladefotografia@gmail.com

Revista



SALA DE
FOTOGRAFIA